

DOUTOR COSTA LOBO

Professor da Universidade de Coimbra

# Portugal na guerra e na paz



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1918



Portugal na guerra e na paz



DOUTOR COSTA LOBO  
Professor da Universidade de Coimbra



# Portugal na guerra e na paz



COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1918

---

Separata de *O Instituto*, vol. LXV

---

## PORTUGAL NA GUERRA E NA PAZ

*Conferência realizada pelo Presidente do Instituto de Coimbra,  
Dr. Costa Lobo, na Sala dos Capêlos da Universidade de Coimbra,  
debaixo da presidência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Reitor da Universidade,  
Dr. Arnaldo Norton, na noite de 13 de novembro de 1917*

EX.<sup>MO</sup> SR. REITOR DA UNIVERSIDADE:  
MINHAS SENHORAS:  
MEUS SENHORES:

Com o meu profundo reconhecimento para com o benévolo acolhimento que V. Ex.<sup>as</sup> se dignaram dispensar-me, agradeço em especial, — ao nosso Ilustre Reitor, a honra que dá ao Instituto de Coimbra, e a mim, dignando-se presidir a esta sessão; — ao ilustre comando do heróico exército inglês, as autorisações e facilidades que me permitem poder realizar esta Conferência, — ao prestigioso general comandante do nosso exército na batalha do ocidente, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Fernando Tamagnini, a carinhosa amabilidade com que me hospedou durante os três dias em que pude permanecer na sua companhia junto do nosso valente exército; — aos ilustres generais comandantes das duas divisões expedicionárias Ex.<sup>mos</sup> Srs. Gomes da Costa e Simas Machado, as suas demonstrações de velha amizade; — ao distinto chefe de Estado Maior, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Roberto Baptista, as suas apreciadas informações e companhia.

A todos os camaradas que tive a satisfação de encontrar,

e que tão boa amizade constantemente me manifestaram, a todos os portugueses que ali se acham sacrificando a vida pela sagrada defesa da pátria, envio o testemunho da minha saudade e affecto, com os mais calorosos votos por um brilhante triunfo, e para que em breve sejam restituídos ao nosso carinho.

Confio em que completa justiça me será feita de que para a realização desta Conferência de modo algum poderia contribuir o desejo de mais uma vez falar neste lugar. Também me não determina a intenção de despertar ódios ou atizar coragens. — O ódio é sentimento que, felizmente, não posso conhecer e, com satisfação o afirmo, que não tem guarida na alma portuguesa. De mais eu já tive ocasião de observar nesta mesma Sala como é certo que felizmente desaparecem rápidamente os mais fundos ressentimentos. Se assim não succedesse teríamos o mundo constituído sómente por incompatibilidades.

Também não é preciso provocar coragem num povo que em todos os tempos tem dado provas da maior valentia e abnegação.

E, já agora, aproveito o ensejo para acentuar de um modo bem peremptório, que nunca às apreciações que vou fazer pôde ser dado significado pessoal. As doutrinas que estabeleça terão sempre o carácter de generalidade scientifica. Serão orientadas pelo critério que em todas as ocasiões deve guiar o homem dedicado aos estudos scientificos. Em especial, possuindo a nossa Universidade no seu seio uma senhora que, possuidora de um carácter distintissimo é ao mesmo tempo uma sábia professora, de origem germânica, de modo algum quero passar adiante sem aqui lhe manifestar a alta consideração que lhe tributo, sem restrição alguma.

Também a grandiosidade do espectáculo, do trágico espectáculo que a humanidade nos oferece neste choque temeroso das forças da vida, e que nos demonstra quanto é ainda

insignificante a espiritualisação humana, espectáculo a que nenhum anterior, por mais horroroso que tenha sido, pode comparar-se, que tem, a bem dizer, toda a humanidade como actora e espectadora, e de que a scena se encontra tanto sôbre a superficie da terra e dos mares, como nas translucidas e inconsistentes alturas dos ares, e nos escuros e trágicos abismos dos oceanos, não se compadece com ornamentadas formas oratórias, justificadas noutras ocasiões. — Exige a máxima sérenidade e reflexão para que cada país, cada indivíduo, apreciem devidamente as situações, e procedam com energia e decisão no cumprimento dos deveres que as suas responsabilidades, conjugadas com os legítimos interesses das raças e países a que pertencem, lhes impõem.

Pela minha parte, realizando esta Conferência, cumpro o meu dever como portuguez, como soldado, como professor e como membro do Instituto de Coimbra, onde, com satisfação o lembro, as Ilustres Senhoras de Coimbra, num comovido movimento de bondade e patriotismo, instalaram a Cruz Branca sob a protecção do então general comandante desta divisão, hoje prestigioso general em chefe do exército portuguez na frente occidental.

Procederei guiado exclusivamente pelo máximo patriotismo, e por um meticuloso respeito à verdade.

\*

\* \*

É principal objecto desta Conferência dar conta do que me é permitido dizer do que vi nos campos da batalha, das impressões que tive, das conclusões que me julgo autorizado a tirar. Sem me demorar em largas considerações sôbre as responsabilidades do actual conflito, aproveitarei os factos que se me depararem para em todo o caso firmar doutrina.

Notarei, porém, quanto é interessante observar o empenho com que todos os países procuram defender-se.

Perante quem?

Não me embrenharei em discriminar os caracteres fundamentais das raças de que são representantes os povos em luta, e menos ainda na discussão da fixidez dos caracteres das raças, justificativos em todos os tempos dos actos praticados pelos povos conforme a sua composição, não duvidando, comtudo, manifestar-me no sentido de admitir esta doutrina.

Nem mesmo me demorarei na exposição das interessantes observações de Mr. Yves Guyot, que dão particular importância aos acontecimentos que se ligam com o trágico assassinato praticado em Serajevo, o qual constituiu o golpe inicial da gigantesca explosão que arremessou a humanidade para o insondável sorvedouro em que se debate.

*O assassinato de Sarajevo.* — Lamentabilíssimo acontecimento foi êsse que no dia 28 de junho de 1914 horrorizou a humanidade com o assassinato do arquiduque Carlos Francisco José, herdeiro do trono austro-hungaro, e de sua esposa, e precipitou a tempestade de fogo e ferro que tornou a Europa um hediondo mar de sangue.

O representante dos Habsburgos, o imperador Francisco José, que, apesar de presidir aos destinos de um dos maiores países da Europa, aceitou entrar na esfera do dominio da Prússia, tornou toda a Sérvia responsável por aquele acto, e o governo de Ballplatz fez à Sérvia, no ultimatum de 23 de julho de 1914, as mais vexatórias exigências. Entre elas uma havia impossível de aceitar. Significaria a perda da independência, pois obrigava aquele país a receber a colaboração do governo Imperial e Real «na repressão do movimento subversivo dirigido contra a integridade territorial da monarquia».

Contudo, facto grave, os criminosos eram subditos austro-hungaros; e a história, possuidora de elementos importantes, já considera admissivel que a responsabilidade dêste fatal acontecimento pertença à familia Habsburgo, incitada com o conhecimento da convenção que o arquiduque herdeiro, colocado em falsa e desagradável posição, em consequência do seu casamento com a condessa Sofia Chotec, desaprovado pelo imperador, e realizado com o stigma de não poderem subir ao trono imperial os descendentes dêste consórcio, teria ultimado em 12 de dezembro com o imperador Guilherme, em Konopisht. Nela teria ficado assente que o filho mais velho do arquiduque cingisse a corôa de um reino constituido pela Polónia, Lituania e Ukrania; o mais novo à corôa de um outro constituido pela Boémia, Húngria, a maior parte dos países eslavos da Áustria, a Sérvia e a região eslava do Adriático. A Alemanha cederia ao primeiro parte do ducado de Posen; a Áustria alemã com Trieste, debaixo do govêrno do arquiduque, seria anexada ao Império Alemão.

\*

\* \*

Sendo a guerra em que a humanidade está empenhada um acontecimento que já não pode ser evitado, sendo as guerras factos considerados fatais como consequência da concentração de exageradas fôrças, pode parecer ocioso insistir sôbre a averiguação de responsabilidades. A grandiosidade da tragédia, a que assistimos, a importância que pode ter o seu estudo sôbre a conduta dos povos e, sôbretudo no espirito de bastantes pessoas, às quais há necessidade de demonstrar que é fundamentalmente falsa a ideia, que ainda não terão de todo perdida, de que grande parte da responsabilidade dêste tremendo conflito pertence à Inglaterra, nossa aliada, que precisaria aniquilar a Alemanha para evitar a sua con-

corrência comercial, são circunstâncias que justificam algumas considerações.

Antes,\* porém, ocupar-me-ei rapidamente dos principais países que desde os primeiros dias tomaram parte na luta — Alemanha, Inglaterra, França e Rússia, não considerando em especial a Áustria-Hungria vista a situação subalterna que tomou no desconcerto Europeu a despeito do seu valor, das suas tradições, do importante papel que desempenhou noutras épocas e de que capitulou em 1866.

É história vulgar — poderá supôr-se. É de certo difficil expôr factos que não possam ser encontrados em livros conhecidos. Mas não basta conhecer factos. É necessário apreciá-los devidamente; despi-los das fantasias em que muitas vezes apparecem envolvidos, ou dos falsos aspectos com que nos são apresentados por uma tendenciosa e pertinaz especulação. E é interessante observar como as mais extravagantes opiniões, os mais evidentes êrros, conseguem fóros de verdade, e dominar os espíritos desprevenidos, mesmo aqueles que pelos seus conhecimentos deviam ser considerados imunes, desde que a propaganda é suficientemente intensa, e, principalmente, se se torna bastante audaz.

\*

\* \*

### Alemanha.

Referindo-me à Alemanha é interessante observar já que, sendo um país de tão longa história como a de toda a Europa, cujas raízes bebem nos sólos asiáticos, e a que os seus modernos historiadores pretendem dar uma situação primacial, é o mais moderno estado da Europa, pois data de 1871 — do dia em que, no palácio de Versailles, entre as lágrimas do povo francês, no meio das ruínas fumegantes da França, Guilherme I, Rei da Prússia, cingiu a corôa imperial. Poucos anos tinham decorrido depois que a Áustria-Hungria tinha sido reduzida a uma situação subalterna, e a Baviera, Saxe,

Hanover, Wurtemberg, os Hesse, Nassau, Bade e Francfort tinham sido submetidos, mais pela violência do que pela livre opção destes estados, embora alguns deles, como a Saxónia e Baviera, tivessem já sido dos mais poderosos da Alemanha.

Não será de mais recordar que o architecto desta obra, *Bismarck*, era lançado pouco tempo depois ao ostracismo, e posta de parte a sua orientação, de uma Alemanha essencialmente continental, pelo actual Imperador Guilherme que, tendo tomado a corôa em 15 de junho de 1888, logo em março de 1890 exilou Bismarck para não mais lhe dar guarida.

Atribue-se o facto a desinteligências sôbre a attitude a adoptar relativamente à Áustria e à Rússia; sendo Bismarck favorável à aproximação com esta nação, e o Imperador à continuação da preferência pela Áustria.

Também se supõe que poderia ser motivado êste estranho facto pela discordância sôbre a maneira de encaminhar o desenvolvimento da Alemanha: pretendendo Bismarck que assentasse sôbre a forte e sólida base agrícola. O facto é que Bismarck foi impiedosamente destituído, e pode bem dizer-se perseguido, chegando a encontrar-se em melindrosa situação quando pretendeu fazer uma viagem de *rêvanche*.

Triste fim do maior prussiano, que a essas horas, próximo do desenlace fatal da vida, talvez sentisse mais fundo o receio de desastrosas conseqüências do iníquo tratado de Francfort, de 71, que mutilando a França, deixára de ser um tratado de paz para ser um constante desafio de guerra. Neste momento está no seu epilogo.

E hoje, como sempre, ainda não pode dizer-se que exista uma Alemanha, que possa ser considerada um organismo nacional,  $\sigma$  que implicaria a existência de «um agrupamento voluntário da nação consciente num Estado unificado». Basta observar que o conselho federal do Império, *Bundesrath*,

composto pelos 61 representantes dos Estados, não representa uma unidade, mas sim contratantes. Os membros dêste conselho não votam conforme a sua opinião mas sim conforme as instruções impostas pelos elementos que representam, e que estão subordinados ao domínio do Estado prussiano, como êste o está à família reinante: uma consequência natural da evolução dêste aglomerado, que não possui qualidades para constituir um todo homogêneo, como se encontra em quâsi todos os países do mundo.

Na Alemanha encontra-se sôbretudo a característica de um sólo sempre agitado, de um vulcão social cujas lavas por vezes irrompem por toda a Europa, sem que as suas invasões, classificadas de barbaras, tenham contribuído para melhorar a civilização dos povos atacados.

*Prússia.* — Na Alemanha ocupa lugar especial a Prússia saída das mais estranhas combinações, constituindo com as compras, trocas e conquistas que contribuíram para a sua organização, antes um domínio particular do que uma nação.

Em 1417, no século épico de Portugal, que já possuía depois de alguns séculos um organismo perfeito, dilata-se a célula inicial da Prússia com a compra feita ao Imperador Segismundo pelo Burgrave de Nuremberg, Frederico Hohensollern, do marquizado de Brandbourg. Em 1618 ainda por compra, João Segismundo, herdeiro do referido Burgrave liga àquella célula prussiana, um pequeno domínio pertencente aos cavaleiros da ordem teutónica sôbre a margem direita do Vistula.

A situação dêste embrião da Prússia actual, elevado à categoria do reino sómente em 1701 com Frederico I, num campo desguarnecido, pobre e fustigado pelas mais violentas intempéries, criou naturalmente uma raça guerreira, paciente, tenaz, disciplinada pela própria exigência da defesa, e também da necessidade de atacar para melhorar a sua sorte.

No entanto as suas provações teem sido bem duras. Basta

lembrar as conseqüências da guerra dos 30 anos que ao Magdbourg reduziu a menos de metade a sua população de 330:000 habitantes, resultando que em 1740 a Prússia contava sómente 2.400:000 habitantes: e mais de um quarto eram emigrados.

Mas, a despeito de todas as contrariedades, os cuidados militares dominaram sempre, e já naquela época possuía a Prússia um terrível exército de 83:000 homens, dos mais fortes que tinha sido possível encontrar. Ao mesmo tempo é interessante observar como a corôa da Prússia cabe quási constantemente a homens cheios de ambição e absolutamente dedicados ao engrandecimento dos seus domínios. Logo a seguir temos Frederico II, o grande: espírito enérgico e de poderosas faculdades, que resarcidos os revezes que Napoleão lhe fez sofrer, já conseguiu deixar a Prússia numa situação preponderante na Alemanha. Hoje possui aquele Estado 348:000 quilómetros quadrados dos 541:000 que constituem a Alemanha.

Ao actual Imperador — embora a sua ancia de engrandecimento da Alemanha, e por isso da Prússia, e por isso do seu querido Brandburgo, visto ser êste território, célula primitiva, aquele que mais tem no coração, como bem o demonstra com as seguintes palavras do discurso que em 14 de agosto de 1914 dirigiu ao primeiro regimento de infantaria da sua guarda: «Sois a garantia de que ditarei a paz aos meus inimigos. Carregai sôbre os adversários e destrui todos os inimigos do Brandburgo», seja a causa do vendaval que afoga o mundo num mar de sangue, — uma coisa não pode ser negada, uma incessante e poderosa acção para conseguir para o seu país o máximo desenvolvimento, o máximo esplendor, o domínio do mundo. Gravíssimas são as suas responsabilidades, mas é justo reconhecer que a sua mentalidade, e a mentalidade do seu meio, fatalmente conduziriam ao temeroso cataclismo em que a humanidade se encontra subvertida.

Eis as estranhas palavras da proclamação dirigida por

Guilherme II ao exército de Leste em setembro de 1914: «Sou o instrumento do Todo Poderoso. Sou o seu gladio, o seu representante. Desgraça e morte para todos os que resistirem à minha vontade! Desgraça e morte para aqueles que não acreditam na minha missão! Desgraça e morte para os cobardes! Morram todos os inimigos do povo Alemão! Deus exige a sua destruição. Deus que pela minha bôca, vos manda executar a sua vontade».

Um dos mais notáveis historiadores alemães, Treitschke, escrevia na sua «Deutsche Geschichte» os seguintes períodos, que comprovam a minha asserção, e mais adiante comentarei demonstrando quanto a paixão dementa os homens mais sábios:

«A Inglaterra nada pode esperar das suas colónias, longínquas, vastas e pouco povoadas. Longe de a protegerem representar-lhe-ão uma fraqueza e superfícies de fácil agressão. Aproxima-se a hora do saneamento. A mentira sôbre que repousa o seu odioso domínio levanta contra a Inglaterra insolente toda a terra. A sua altaneira impostura será vencida, como todas as suas mentiras, pelas potências da vida, da verdade e da realidade que há tanto tempo teem sido ultrajadas, e que, finalmente, se vingarão.

«O instrumento predestinado para esta obra de saneamento é a Alemanha imperial, una, coerente, forte, na qual estas fôrças eternas existem na sua mais elevada expressão. Ela substituirá à desordem moral, ao individualismo dissolvente, ao egoísmo, à mentira, à impostura que constituem o império e civilização inglesa, a sua saúde, a sua seiva virgem, o seu império fundado sôbre uma civilização de ordem, organização, subordinação, verdade e fôrça real».

Três factos há a registar nestas palavras: — o espírito messianico, o ódio à Inglaterra, a pretensão a uma exacta compreensão da realidade.

Treitschke, levado pela sua paixão, chega a afirmar que

sómente a Alemanha edifica todas as suas obras sôbre as bases indestructiveis da realidade.

São inegáveis os resultados materiais atingidos rapidamente pela acção imperial, e é justo reconhecer quanto êles dão a medida do que pode obter a disciplina de um país debaixo de uma acção enérgica e tenaz.

Quanto Treitschke estava iludido quando explodia em ódio contra a Inglaterra, demonstra-o de um modo frisante a devotada solidariedade que adoptaram todas as colónias que, com a metrópole, constituem o grande império Britânico. Encontra-se sintetizada na seguinte afirmação da colónia australiana: «Até ao último schelling e até ao seu último homem, a Austrália sustentará a causa do Império».

Para reduzir à verdade as falsas imagens que a Alemanha tem conseguido fazer ver à maior parte dos outros povos, até à própria França, na apreciação do seu valor, com as deformadas lunetas constituídas pelos constantes cânticos à sua supremacia mundial em todos os campos, moral, scientifico, industrial e comercial, e que, diga-se para glória da actividade alemã, êles com incompreensivel facilidade se tem prestado a usar, vou apresentar o insuspeito testemunho do mais importante vulto politico alemão da actualidade, que energicamente rebate essas apreciações e afirma a necessidade de que o mundo tem de afastar essas falsas miragens.

Refiro-me ao Príncipe de Bulow, discípulo entusiasta de Bismarck, criação politica de primeira grandeza, incontestavelmente a mais alta individualidade alemã que maior direito tem de ver consideradas as suas opiniões.

É justo fazer uma rápida referênciã á carreira dêste importante homem de estado, de que o grande valor é afirmado em multiplos e valiosos serviços. Nasceu em 1849 em pleno Mecklembourgo feudal, e foi educado na Alemanha do Sul, nas universidades do centro e na Suissa.

Seguiu a carreira diplomática, e desde 1874 a 1897, foi mi-

nistro nas côrtes de Roma, Bucarest, Viena, S. Petersburgo e Paris. Ministro, de 1897 a 1900, occupou o cargo de ministro dos estrangeiros e, finalmente, durante o longo período de 9 anos, de 1900 a 1909, occupou o alto cargo de chanceler do Império. Afastado do poder, afirmou o seu merecimento retirando-se a uma vida da maior reserva, e de 1909 a 1913 foi occupar o seu palácio em Roma, entregue ao estudo e publicação de importantes trabalhos, entre os quais avulta a *Política Alemã*, que appareceu poucos meses antes de estalar o actual conflito, no qual, com uma elevada forma literária, e muito espirito, nos expõe os seus trabalhos e faz uma profunda crítica do Império alemão. É o seu depoimento que vamos aproveitar, usando para mais segurança do texto da tradução espanhola, autenticada pelo autor.

*A Alemanha não é adaptável à constituição de uma unidade nacional.* — A Alemanha conserva sempre os caracteres que resultam da sua composição. Formada pelo desenvolvimento de considerável número de tribus que, embora com origens semelhantes possuem características essencialmente distintas, não passa de um conglomerado para o qual não há temperatura de civilização capaz de conseguir a fusão num todo homogéneo.

Dai resulta que a sua coesão é insignificante, e a sua constituição em bloco só pode realizar-se debaixo de uma potente acção, que possa actuar constantemente, sem o que immediatamente se dá o esboroamento dos seus elementos.

Foi debaixo da acção conquistadora de uma das suas tribus que há mil anos pode ter efémera existência o império alemão. É também hoje debaixo da acção potente de um estado, a Prússia, que pode subsistir o joven império. Joven no seu actual aspecto, mas constituído por peças antigas que não podem deixar de prejudicar o seu funcionamento com os defeitos inerentes às suas qualidades perpetuadas através

dos séculos, e que tornam antagónicos o espirito alemão e a monarquia prussiana.

Testemunho do Príncipe de Bulow:

«O império alemão da idade média não foi fundado pela livre união das tribus, mas só pelo triunfo de uma única tribu sôbre as outras, que reconheceram por muito tempo, contra sua vontade, a soberania da mais forte».

«Da mesma maneira que o antigo império alemão foi fundado pela tribu superior em fôrça às outras, o novo foi fundado pelo estado mais forte — com luta de alemães contra alemães».

«É verdade que os alemães necessitaram um milenário para criar, destruir, e voltar a criar o que para outros povos desde séculos constitue sólido fundamento do seu desenvolvimento — uma vida politica nacional».

«Quando os partidos políticos alemães se põe uma vez em opposição, pelos mais insignificantes factos politicos, difficilmente olvidam as suas rivalidades e tardiamente perdoam».

Referindo-se em especial à unidade alemã, declara o illustre estadista:

«A unidade alemã de agora foi realizada não só contra todas as difficuldades que a ela opozeram as circunstâncias interiores do país, rivalidades e rancores antiquissimos, todas as faltas do nosso passado e todas as particularidades do nosso temperamento politico, mas tambem a opposição descarada ou encoberta, e a má vontade da Europa inteira».

E acrescenta que para se conseguir a unidade alemã «foi preciso pôr de parte as faculdades que por hereditariedade são as mais débeis nos alemães, isto é, as suas faculdades politicas, para confiar a grande obra às que lhe são inatas e reconhecidas como as suas melhores aptidões — às suas faculdades guerreiras. A circunstância de ter ao seu lado

um estrateja como Moltke e um organizador como Roon, foi para Bismarck uma conjuntura incalculável.»

À probabilidade de uma rápida desorganização acentua-a o antigo chanceler nos seguintes termos:

«A poderosa coesão prussiana, que parte de cima, produziu em todos os tempos um movimento de grande fôrça em sentido inverso».

«A especial natureza das nossas instituições políticas, assim como a essência do socialismo alemão, opõe-se à política de reconciliação. Extirpar o socialismo por meio da fôrça, nem pensa-lo. Nem por um nem por outro meio directo se chegará a resolver o nosso problema socialista, nem a conjurar o perigo que nos ameaça. Só nos fica a esperança de vencê-lo por processos indirectos atacando o socialismo nas suas causas, e nas fôrças que o movem».

Mais uma vez se demonstra a necessidade que a Alemanha tem de conservar-se no estado de guerra.

*A parte dominante da Alemanha não possui as qualidades de ordem e disciplina que se lhe atribuem, nem as qualidades morais de tolerância e affecto que ganham a simpatia, ou, pelo menos, o respeito mundial. — Pelo contrário ali mais do que noutra parte rebenta a epidemia socialista com o carácter acentuado pro invidia.*

Assim é affirmado pelo Principe de Bulow, que recorda as apreciações de Tácito, como se vê pelo texto adiante transcrito.

O desinvolvimento desta enfermidade, com a característica, grave, que Bulow lhe reconhece, e que diz ser especialidade alemã resultante das suas qualidades de raça, demonstra que a organização alemã, apesar da sua robustez aparente, é um organismo que segue para um aniquilamento rápido, e só pode aguentar-se à custa de enérgicos tónicos para os quais os outros países estão condenados a contribuir com o sacrificio da sua tranquillidade e das suas fôrças.

Escreve o antigo chanceler :

«A luta das classes operárias na Alemanha para a melhoria da sua existência, luta que começou com a fundação do partido socialista, converteu-se em ódio fanático contra a propriedade, a instrução, e as posições sociais. As excelentes instituições fundadas para melhorar a sorte do operário não modificaram aquele ódio».

«Se o governo prussiano quizesse uma inteligência com o socialismo, que há anos ataca as bases monárquicas e militares do Estado prussiano, as classes média e rural interpretariam esta atitude como uma capitulação em frente da revolução... As conseqüências duma atitude debil em frente do socialismo seriam mais fatais para a Prússia do que as da revolução de março».

«O socialismo detesta a monarquia, detesta na Prússia o Estado da ordem, o coração e núcleo do império alemão, o Estado sem o qual o império alemão não existiria».

«O socialista alemão aferra-se aos artigos do programa do seu partido de olhos fechados, sem pensar em critica-los, sem atentar nas suas contradições, e como este programa não pode conciliar-se com o Estado existente, o socialismo alemão é inconciliável. O operário alemão, mais do que qualquer outro, está predisposto a conceder fé cega aos princípios e máximas do socialismo, aos brilhantes sofismas de Lassale e ao sistema de Karl Marx, que a evolução histórica tem refutado e derribado nos seus fundamentos».

«O nosso socialismo mostra-se incomparavelmente mais hostil do que o socialismo francês e italiano».

«O nosso socialismo não tem base nacional, pretende ignorar as recordações patrióticas alemãs, porque são de carácter monárquico e militar. Não é um sedimento na evolução histórica da nação como o socialismo italiano e francês, mas sim, desde a sua origem, está em opposição declarada contra a nossa história e o nosso passado como nação».

«No almanaque que edita o Vorwaerts, não aparecem os nomes de Bismarck, Mollke, de Blucher, de Scharmhorst, Ziethen ou Seidlitz. Passa-se por cima de Leipzig, Waterloo, Königgrätz e Sedan, mas citam-se os nomes de uma porção de nihilistas russos e anarquistas italianos, bem como os seus atentados homicidas».

A propósito é interessante observar que é fácil verificar que ao socialismo alemão pertence a responsabilidade do desenvolvimento das suas perturbadoras doutrinas em todos os outros países, embora com virulência muito atenuada, e, felizmente sem fácil aclimação, sendo sobretudo refractários à sua influência os elementos anglo-saxónicos possuidores de uma capacidade superior, e aos quais por isso naturalmente repugnam doutrinas conducentes à inércia, e só úteis para os elementos a que falta a coragem para trabalhar. Documento demonstrativo do perigo socialista para a Alemanha é a seguinte nota das crescentes votações do partido socialista :

1884 .....	550:000
1887 .....	763:000
1890 .....	1.427:000
1893 .....	1.787:000
1898 .....	2.107:000
1903 .....	3.011:000
1904 .....	3.539:000
1912 .....	4.250:000

*A Alemanha não tem qualidades de generalização nem de génio inventivo, o seu espirito é sobretudo geométrico, e só capax de objectivos restritos. — É o que nos afirma o Príncipe de Bulow :*

«Para coisas pequenas encontra o alemão facilmente sócios e companheiros, para as grandes é difícil. Quanto mais restrito é o fim mais rapidamente se funda a Associação Alemã,

e para longa duração. Quanto mais gerais são os fins mais difficilmente se agrupam as fôrças, e mais dispostas ficam para dispersar-se de novo, mesmo por motivos insignificantes».

É por isso que a Alemanha não tem disposição, para a unidade e só pela guerra pode existir. — Por isso precisa da acção consecutiva das armas, para aguentar-se num estado de alta tensão. — É o contrário da mentalidade dos outros povos, como bem o demonstra o Império Britânico, a França, mesmo a Rússia e a Itália e melhor de que nenhum outro o nosso país, embora de pequenas dimensões. Acrescenta von Bulow:

«Sentido politico e sentido de generalidade é o que falta aos alemães».

«É próprio do carácter alemão aplicar de preferênciam a fôrça de acção ao particular, e antepôr, e mesmo subordinar, o interesse geral ao restricto, ao immediatamente palpável».

Por isso temos a actual guerra, escusada, por quanto, se não fôsse impulsionada pelos seus caracteres de raça, a Alemanha podia desenvolver-se tranquilamente, e conseguir uma situação notável e respeitada.

*A Alemanha não possui sentido politico, e só pode subsistir quando um homem de pulso rijo consegue dominar os seus elementos, e tê-los em permanente estado de guerra.* — Testemunha o Príncipe de Bulow:

«Ao lado da rica plenitude de raros méritos e de grandes qualidades concedidas ao povo alemão, foi-lhe negado o talento politico».

Mas o talento politico é a delicadeza, é a forma indispensável aos homens e povos para viverem em sociedade. Expressimindo-se assim Bulow confessa com grande franqueza uma inferioridade da Alemanha, e o perigo que resulta da existência de uma Alemanha forte e dominadora.

«Em todos os tempos nos foi difficil vencer pequenos e

insignificantes obstáculos que se opozessem ao nosso próprio desenvolvimento político».

Ou não há raças, e o orgulho de uma raça alemã é uma quimera, ou aqui fica bem estabelecida a doutrina da incapacidade da Alemanha para a vida mundial. E assim deve ser pois de outra forma não seria tão restrita em cometimentos mundiais a nação alemã — das poucas nações europeias que nunca cooperou para o alargamento da nossa civilização, onde Portugal, tão pequeno, ocupou a mais brilhante posição.

Com aplauso cita o Príncipe de Bulow o estadista Miguel, quando êste diz:

«Nos nossos parlamentos raras vezes um debate se mantem mais de um dia na devida altura: ao segundo já se apresenta em mingunte, e depois discute-se à larga e sem resultado sôbre coisas banais».

*A Alemanha é um elemento perigoso para a harmonia mundial.* — Não só por causa da incapacidade política que lhe atribue Bulow, como atraz referi, mas ainda mais pelo seu manifesto desprêso pelas convenções, e pelo seu processo de corrupção que, infelizmente, consegue macular individualidades das mais altas posições de alguns dos seus inimigos, esquecidas do que devem à sua dignidade, e responsáveis pelo mais hediondo crime, — o de ferirem pelas costas aqueles que, cheios de abnegação e patriotismo, heroicamente se sacrificam pela sua pátria.

Procurando dignificar a raça germânica referem-se os seus mais notáveis historiadores, Waitz, Gissebrecht, Sybel, Lamprecht à sua fidelidade aos tratados.

No seu elogio diz corajosamente Lamprecht: «A consciência da raça (germânica), afirma-se desde a sua origem por uma cultura comum, e os traços que a distinguem conservam-se sempre — fôrça militar, fidelidade aos tratados, senti-

mentos profundos, vigor de espírito e de corpo, sabedoria, actividade, fôrça de querer». Mr. Henri Bergson glosa estas qualidades pela seguinte forma interessante e pitoresca: A raça germânica, pura na Alemanha, não se modifica nas suas qualidades essenciais que Lamprecht enumera — *fôrça militar*, correlativa do espírito de invasão e absorpção: *fidelidade aos tratados* pelo seu completo desprêso por êsses farrapos de papel: *sentimentos profundos*, manifestados pela crueldade dos processos usados, levados ao mais alto gráu na destruição dos navios neutros, com sacrificio de inúmeras vítimas completamente estranhas à contenda: *sabedoria* para iludir o mundo e disseminar o bacilo da corrupção por todos os organismos sociais: *fôrça de querer* sujeitar todo o mundo ao seu domínio com a pretensão de criar uma extraordinária civilização, sem observar quantas e brilhantes civilizações teem existido, e existem, sôbre as quais nunca poderá sobresair.

No emtanto Treitschke já preconizou a doutrina, agora adoptada pela Alemanha, de que um tratado só obriga um povo em quanto êste não tem interesse em o rasgar.

Foi por isso que a Alemanha não respeitou a neutralidade da Bélgica, que a Prússia se comprometera a defender. Mas mais grave ainda é a maneira como desrespeitou a doutrina que por ela foi apresentada na segunda conferência da Haya, inserida na acta final de 18 de outubro de 1907, e que versava sôbre a maneira como deviam ser conduzidas as operações por forma a evitar ruínas e desastres; sôbre o respeito à honra e direitos da família, à vida dos indivíduos à propriedade particular, às convicções religiosas e ao exercicio dos cultos. Por ela era interdita a pilhagem, e seriam considerados propriedade particular os bens das municipalidades, dos estabelecidos consagrados ao culto, à caridade, à instrução artes e sciências, mesmo sendo do Estado.

*A Alemanha não possui as qualidades scientificas e artis-*

*ticas que pretende possuir, e muito menos o Estado prussiano que domina e só prevalece pelo valor militar.* — De modo algum quero amesquinhar-lhe os seus trabalhos científicos, mas é preciso também não lhe exágerar o valor e reconhecer que não possuem geralmente o traço do génio. Valem, sobretudo, pela paciência das suas investigações seguidas, como é costume dizer-se geometricamente. Sem disposição para os grandes vãos os seus trabalhos assentam muitas vezes em bases inconsistentes e fantasiosas aproveitadas com o espirito de produzir uma sciência espectacular. Temos um exemplo frisante na sua hipergeometria feita por uma das suas mais notáveis figuras matemáticas dos últimos tempos — Riemann.

É campo vasto para o seu paciente labor a química orgânica com os seus  $n + 1$  compostos em que a paciência, por vezes com utilidade, pode tornar  $n$  tão grande quanto queira. Mas não encontraremos lá um Pasteur.

Na astronomia embora possua um Kepler capaz de deduzir do estudo das observações feitas as leis que tem o seu nome, não possuiu um Newton nem um Laplace, nem hoje possui os génios de Deslandres, Lohyler ou Hale, sendo em todo o caso dignos de respeito muitos dos seus astrónomos como Wolff, Kaiser, Muller.

É certo que possuiu Leibnitz mas a França orgulha-se justamente dos mais illustres sábios como Descartes, Lagrange, Pascal, Benard.

*É sem dúvida notável na música.* — Basta ter possuído entre outros Bach, Beetowen e Wagner.

Mas na pintura — onde estão os trabalhos dos génios de Rafael, Tintoretto, Ticiano, Rubens, Rembrandt, Murillo, Goya, Vellasquez, os efeitos cheios de graça e delicadeza de Watteau, de Curot e tantos outros?

¿ Emfim que diremos da sua decoração, da sua architectura

hirta, sêca, pesada, muda de sentimento artistico, fotografando bem o espirito alemão e até a sua fisionomia? E no entanto que graça, que encanto na arte franceza, nos geniais trabalhos architectónicos dos italianos e dos inglêses.

E ainda é justo observar que exactamente não é no Estado que comanda a Alemanha, na Prússia, que encontramos em maior número os homens de maior destaque, se exceptuarmos os militares.

*Mas é grande pelo seu ensino; será afirmação considerada incontestável.* — Não pode com efeito negar-se o enorme trabalho realizado pela Alemanha para o seu desenvolvimento scientifico, o muito que tem trabalhado para o incremento das suas indústrias, sobretudo químicas e metalúrgicas, naturalmente por serem as que mais aproveitam às suas qualidades genéricas.

Comtudo não deixa de ser certo que o seu triumpho resultou principalmente da sua orientação na produção de productos baratos, embora inferiores, e é também certo que a despeito dos seus múltiplos processos de pressão commercial, as suas dificuldades economicas eram ameaçadoras, sendo certo que, por tal motivo, se a guerra era desejada pelo elemento militar, pela necessidade de valorisar a sua indústria, pelos industriais do aço para dar escoante a sua superprodução, não o era menos pela finança afogada numa prosperidade estagnada.

Mas mais interessante ainda é ouvir a êste respeito a opinião do próprio Imperador, e observar como êle, com tanta razão, condena o que numa febre admirativa outros povos, esquecidos do seu carácter e das suas tradições, querem considerar a máxima perfeição.

É êle que, há pouco, num discurso célebre, que caiu como uma formidável granada sobre os educadores alemães, declara e prova que o seu ensino não conseguiu os objectivos especu-

lativos, técnicos e patrióticos a que estava obrigado. E o Imperador, que é sem dúvida o primeiro homem da Alemanha, que é o fulcro indispensável em que se firma êste imenso império, donde resulta a sua máxima instabilidade, a constante tendência para um pavoroso cataclismo, talvez ainda de aspectos e efeitos mais graves do que o da catástrofe russa, prova as suas asserções, e dá à sua demonstração a maior autenticidade porque apresenta o testemunho da sua experiência.

Nós que estamos sofrendo as desastrosas conseqüências da monomania germânica, e vemos as nossas gerações definhadas debaixo da férula de um ileccionismo científico que nos vai desviando de um estudo sólido mas moderado, e nos atira para um pandemónio que desorienta os espíritos, deforma o corpo e amesquinha o carácter, facilmente o compreendemos.

Sem poder alongar-me aqui, limitar-me hei a rápidas citações, chamando a atenção de todos os que vivem absortos no deslumbramento germânico para as palavras daquele que, sôbretudo por isso, mais devem acatar.

«Essencialmente, desde 1870, a instrução foi monopolizada pelos filólogos, que se restringiram ao saber, esquecendo-se da formação do carácter e das necessidades da vida presente».

Contra o exagêro do tempo que um aluno precisa dispendar para dar satisfação às exigências do regime do ensino alemão, protesta Guilherme II nos seguintes termos:

«Passando ao trabalho da nossa juventude, reconheço que é indispensavel a redução do número de horas de estudo. Foi, quando cursei o Liceu de Cassel que se fez ouvir o primeiro grito de protesto lançado pelos pais e famílias: — o Sr. Conselheiro intimo Hintzpeter deve recordar-se. Foi ordenado um inquerito. Eramos obrigados a entregar todas as manhãs ao nosso director uma nota com o número de horas que nos tinham sido precisas em casa. Pois bem, eu, meus

senhores, debaixo da fiscalização do Sr. Hintzpeter, era obrigado a trabalhar em casa durante 7 horas! A estas 7 horas somavam-se 6 horas para as classes, e contando 2 horas para as refeições, é facil fazer a conta do tempo que ficava por dia para tudo o mais».

A propósito só chamarei a atenção para a falsidade propalada entre nós, de que, a organização que adoptamos, daria como resultado sairem os alunos das aulas com a cabeça recheiada pelas prelecções ouvidas, sem necessidade de mais esforço:

Sete horas eram exigidas ao Imperador da Alemanha, que sem dúvida possui um cérebro privilegiado, para a pesada digestão que entre nós se quiz fazer crêr seria instantânea! E decerto esta mentira contribuiu muito para se aguentar este vicioso sistema.

Contra a pretensão de se fazer do país uma academia de sábios inúteis protesta energeticamente o Imperador:

«É exacta a frase do príncipe de Bismarck, *o proletariado dos bachareis*, sobre os que possuímos. A maior parte dos candidatos da fome, principalmente os jornalistas, são liceistas fallhados. Constituem um perigo. Este excesso, que já é demasiado, torna a nossa patria semelhante a um campo saturado de agua, que já não admite regas. Por este motivo não autorizarei a abertura de mais gymnasios, sem que a sua necessidade me seja bem demonstrada. Já temos de mais».

Referindo-se aos desastres físicos diz:

«Quanto não é grave que um homem não veja com os seus olhos? Pois 74<sup>o</sup>/<sub>o</sub> dos nossos alunos são miopes!»

.....

«Asseguro-vos que remediarei este mal».

Não me permite o tempo alongar-me nestas interessantes citações, e por isso terminarei referindo os termos em que Guilherme II condena a educação cívica:

«Então (em 1864, 1866, 1870) só havia um pensamento: res-

taurar o Imperio Alemão, e reaver a Alsacia e a Lorena. Tudo isso desapareceu depois de 1871. O Império constituiu-se: tínhamos obtido o que se desejava e *nisso se ficou*. Contudo era preciso ensinar á juventude que era necessário saber conservar o que se tinha ganho. Nada se fez neste sentido, e ultimamente notam-se tendências centrífugas. Encontro-me em condições de apreciar estes factos porque me encontro no primeiro plano, e tenho obrigação de os observar. Esta situação resulta da maneira como é educada a juventude».

Era preciso preparar a actual guerra. A intensa acção imperial conseguiu o seu *desideratum*, e o espirito de guerra, o espirito prussiano, continuou a dominar a Alemanha.

*Atitude hóstil para com Portugal.* — Emfim notarei que a Alemanha tem tido constantemente uma attitude hóstil para com Portugal. Poderá ser explicada pela ambição de adquirir domínios coloniais, e julgar o nosso país mais facilmente expoliável. Nem por isso o seu procedimento deixa de ser condenável, e de natureza a provocar os nossos protestos e a nossa justa defesa.

Foi a Conferência de Berlim, com a sugestão de Bismark, que nos expoliou de uma das nossas mais ricas regiões para ser constituído o vastíssimo império do Congo, preparando talvez assim uma importante aquisição. Formada, pela descendência inglesa, nossa vizinha ao sul de Angola, logo a voracidade alemã nos tirou para sempre a tranquillidade naquella colónia. O gentio do sul tornou-se irrequieto e agressivo. A pretensão à aquisição de Angola tornou-se uma das obsecações da Alemanha.

Na impossibilidade de realizar violentamente o seu propósito, ou de conseguir o seu objectivo da convivência dos governos portuguezes, pretendeu o conselho de Wilhelmstrasse recorrer aos processos da usura. Emprestar para levar o

dinheiro e o penhor. Na esperança de que fosse extraordinariamente avultada a indemnisação que a arbitragem com Mac-Murdo impuzesse a Portugal, e ao nosso país, ainda convalescente da crise financeira de 1891, fôsse difficil o respectivo pagamento, quiz a Alemanha impôr-nos um empréstimo caucionado com Angola. Fórmula indirecta da entrega desta província, cuja posse Portugal tem obrigação de defender atravez dos maiores sacrificios.

Estavamos em 1899, e o presidente do govêrno de então, o illustre estadista José Luciano de Castro, energicamente repeliu a insidiosa proposta, e, procedendo com o maior zêlo e actividade conseguiu habilitar-se para o pagamento a que, fomos obrigados, felizmente muito inferior ao que era esperado pela cubiça alemã.

Foram instantes as pressões sofridas, mas a Inglaterra, nossa amiga e aliada, prestou constante e valioso auxilio ao nosso govêrno, que cheio de patriotismo, e cumprindo com a maior elevação o seu dever, a ela recorreu.

O epilogo desta tremenda luta, que decorreu ignorada, mas em que Portugal se encontrou no mais grave perigo, teve lugar no dia 12 de maio.

— Nesse dia entrava no Tejo uma esquadra alemã de 9 barcos. Encontrou já fundeada uma poderosa esquadra inglesa de 10 navios. Era tarde para poder influir com o pezo dos seus canhões.

Passou despercebido o significado desta estranha coincidência. Assim o exigiam as reservas diplomáticas. É bom torná-lo hoje conhecido; não para acender ódios, — *mas para se fazer justiça.*

Infelizmente há pouco os acontecimentos tiveram um curso bem diverso. A Alemanha conseguiu a porta aberta de Angola, prelúdio da alienação do nosso dominio na África Occidental, da perda da joia mais valiosa do nosso império ultramarino.

A nossa atitude de 1898 valeu-nos a consideração da Alemanha, e o seu Imperador não duvidou pouco depois visitar Portugal com manifesta consideração.

Para agora anunciava-se uma visita que, infelizmente, só poderia ter uma explicação de vassalagem.

\*

\* \*

### Inglaterra.

Está bem longe de ser conhecida entre nós como tanto o merece a história da nação inglesa. É a Inglaterra grande, imensamente grande; é poderosa; segue constante na sua ascensão há cêrca de 15 séculos; triunfa sempre. Porque há de despertar emulações, invejas mesmo? Porque não se trata de fazer o estudo das suas qualidades, dos seus processos, da causa dêsse constante triunfo, que à ignorância surpreende e à inercia desagrada? E quando os caracteres de raça não permitam atingi-la ou aproximar-se, justo é que seja admirada, ou pelo menos respeitada.

O predomínio do elemento saxónico, que primeiro deslocou o celta e depois conseguiu impôr-se aos invasores normandos, imprimiu a esta nação as superiorés qualidades que constituem a sua incomparável fôrça, que lhe asseguram a vitória sôbre os inimigos externos, e a certeza de vencer as mais graves crises internas.

Entre as suas qualidades destacavam então, como destacam hoje, um excepcional senso prático, o máximo individualismo aliado a um grande respeito pelos direitos alheios; um trabalho honesto, metódico e perseverante, e sôbretudo uma intransigência irreductível na sua política caracterizada pelo *self government*, traduzido primeiro pela *common Law*, e, mais tarde, em 1215, pela Magna Carta ainda hoje respeitada.

É bem digno de verificar como são diametralmente opos-

tas as qualidades dos dois povos que presidem às duas mais importantes civilizações do mundo. Enquanto no império germânico uma entidade domina todos os elementos, que abdicam, quasi por completo, da sua individualidade, no império inglês os elementos desinvolve-se na máxima independência e liberdade, e coordenam-se por si adquirindo o organismo a maior força. Por isso, enquanto a Alemanha passa séculos sem poder alargar a sua acção para fóra da concha em que se criou, a Inglaterra rápidamente se espalha por toda a terra, criando o mais poderoso organismo dos tempos modernos — os Estados Unidos da América do Norte; e dominando nas mais vastas e ricas regiões de todas as grandes divisões da terra, na Índia e Birmanian, na Ásia; no Egito e Cabo, na África; na Austrália e Nova Zelândia, na Oceania.

De cerca de 132.547:943 quilómetros quadrados de terra pertencem-lhe 29.696:827, com 426.596:000 de habitantes dos 1.691.322:200 que a habitam. Pelo seu movimento marítimo pôde considerar-se principal senhora dos mares. Enquanto a sua marinha mercante se elevava em 1911 a 19.418:824 toneladas com 9:901 vapores, tanto como a tonelagem de todos os outros paizes, a Alemanha possuía sómente 4.466:880 com 1:856 vapores.

*É um modelo de tino politico.* — A êle deve a unidade do seu vasto império, que esta guerra veiu pôr em evidência com a solidariedade manifestada por todos os seus domínios, dispostos a contribuirem com o máximo esforço para o triunfo do Império Britânico. E se existe uma pequena mancha na Irlanda, estou convencido de que ella desaparecerá ao terminar a luta presente.

O Príncipe de Bulow reconhece e justifica este facto «o rancor contra o Estado, comum na Alemanha, é quasi desconhecido na Inglaterra. Uma das principais razões porque

é tão bom cidadão o inglês, é porque pôde ser dentro do Estado um livre particular. Os limites, vacilantes na Alemanha, da acção governativa, estão bem fixados na Inglaterra».

*A fixidez do seu domínio resulta decerto em grande parte do seu respeito pelos povos.* — Nas suas relações, mesmo com povos de muito menos força procede sempre com as maiores atenções. Bem o podemos nós reconhecer. Datam do século XIV as íntimas relações de Inglaterra e Portugal. Já nesse século a dinastia Joanina foi iniciada com uma Princesa inglesa de que os filhos, glórias no nosso país, são sempre lembrados com saudade.

Em todos os tempos a aliança inglesa, que os nossos reis cimentaram com o mais leal apoio, manifestando uma notável capacidade política e um acendrado patriotismo, e que no penúltimo reinado se valorizou com os íntimos laços de amizade que ligaram os reis Eduardo VII e Carlos I, uniu os dois povos. E, comtudo, é fácil de verificar como a Inglaterra sempre respeitou a nossa raça, como nunca procurou infiltrar-se no nosso país. Das tendências alemãs temos uma prova frisante no Estado de Santa Catarina no Brazil.

Como consequência dos seus diversos caracteres resulta o agrupamento de quasi todos os povos do mundo em volta da Inglaterra e em hostilidade com a Alemanha, apoiada sómente pelos maometanos de Constantinopla, pela Bulgária e pela Áustria, que, vencida em Sadowa, de Império sol passou a Império satelite.

*Transigência com a Alemanha.* — Admiráveis qualidades as dêsse povo inimigo das lutas armadas, disposto sempre a ceder o mais possível, a permitir o engrandecimento dos outros enquanto êste engrandecimento não constitue um perigo para a tranquillidade e direitos dos outros povos civilizados,

mas serêno, tenaz, invencível, quando obrigado a entrar em luta com qualquer outro povo que pretenda ascender ao domínio absoluto.

Dão sobeja prova destas afirmações as suas constantes condescendências para com os ímpetos absorventes da Alemanha, que nada tendo contribuído para a descoberta e civilização do mundo, de um momento para outro pretende instalar-se por toda a parte.

Até Heliogoland cedeu, e por toda a parte se harmonizou com as ambições alemãs, chegando ao ponto de deixar interceptar a sua linha Cairo-Cabo, de concordar com o côrte do Congo Francês, um dos mais graves atentados ultimamente perpetrados.

*É um povo essencialmente imperialista.* — Mas na verdadeira acepção da palavra, porque a sua fôrça resulta do valor de todos os elementos, cônscios dos seus direitos e dos seus deveres, sempre orientados no mesmo sentido, e por isso dispondo da máxima fôrça.

A Alemanha, a despeito da sua fôrma imperial, é um estado de que os elementos tendem constantemente para a dispersão, e só por circunstâncias ocasionais se agrupam, tanto os indivíduos, com os seus ódios sectários, que o antigo chanceler Bulow nos descreve ocupando-se dos socialistas alemães, como os Estados, de tendências diversísimas, com os seus rancores latentes, que ainda hoje reçumam nos descendentes das antigas tribus germânicas, e só podem ser sopeados quando dominados por uma acção potente, como é hoje a da Prússia com o seu Kaiser.

Nenhuma dúvida tenho em afirmar a grande conveniência que haveria em que na nossa educação, feita quanto possível à inglesa, entrasse especialmente o ensino sumário da história da Inglaterra. Creio que assim se despertariam sentimentos que são indispensáveis para robustecer uma raça.

Não posso alongar-me, mas não passarei adiante sem observar rapidamente o que se passa na Inglaterra com a religião e o socialismo.

*Religião e socialismo.* — É opinião unânime que ao seu puritanismo deve em grande parte a Inglaterra o seu triunfo. Numa época em que a perversão dos espíritos atinge já um limite perigosíssimo e ameaça o desmembramento dos povos, como consequência da destruição da sua base essencial — a família, maior importância deve ter a acção religiosa.

E para justificação do que valem êstes sentimentos e da maneira como a Inglaterra os acata hoje, como os concebeu e respeitou sempre, limitar-me-ei a uma citação, que vale um tesouro, tirada do programa de uma das suas mais modernas e notáveis escolas, instalada em Abbotsholme por um dos seus mais afamados educadores, Mrs. Reddie, a qual corresponde ao nosso ensino secundário, com especial desinvolvimento de estudos técnicos e artísticos.

«A religião ocupa lugar primacial na vida, e a vida deve estar saturada dela. Não apresentamos a religião às crianças como uma parte da vida, mas como um todo orgânico e harmonioso, que deve penetrar completamente o individuo, embora por meio de variadas crenças religiosas. Durante um quarto de hora, pela manhã e à tarde, todos os alunos se reúnem para manifestar a sua fé e esperança por meio de sinais externos».

Aos domingos todos os alunos frequentam os templos da sua religião.

Aproveito a ocasião para pôr em paralelo com as exigências do ensino alemão, tão justamente criticadas pelo Imperador, a distribuição do tempo nesta escola. Trabalho intellectual, 5 horas; exercícios físicos e trabalhos manuais, 4 horas e meia; ocupações artísticas e preparação para a vida de sociedade, 2 horas e meia; refeições e tempo livre, 3 horas.

Referi-me atrás à chaga do socialismo, que infecta o organismo da humanidade e que o Príncipe de Bulow justamente critica nos termos que citei.

Não hesito em ter a coragem de afirmar, e presto seguramente um grande serviço, que é completa a desorientação nas pessoas que aceitam as teorias socialistas, ou fazem a sua propaganda.

O que deram para o pacifismo mundial está provado, pela mais sanguinolenta e selvagem guerra de que a humanidade tem a envergonhar-se, e que os mestres, os propagandistas do socialismo, os socialistas alemães proseguem pela forma mais criminosa, bastando para tornar esta classificação justa observar a iníqua guerra submarina, em que todo o mundo é atacado, a torto e a direito, com o mais completo desprezo por todas as convenções sociais.

São tão notáveis as apreciações sobre êste assunto, feitas pelo ilustre estadista e meu respeitado amigo D. Eduardo Dato, no seu célebre discurso de Sevilha do meio dêste ano, que não quero deixar de as registar aqui.

«É preciso saber de que maneira marchamos para o socialismo como próxima e definitiva consequência da guerra.

«Precisamente, nos últimos tempos anteriores à sua declaração, não estavam muito no apogeu as teorias colectivistas. Os seus sectários, convertidos em políticos, sofriam de uma tremenda e irredutível divisão interna. A crise do socialismo era um tópico obrigado nos seus livros e discursos; a ruptura das escolas socialistas era considerada inevitável. Crescia em combatividade e rebeldia o chamado sindicalismo, que não tardou em adoptar a divisa de revolucionário.

«Em presença de um combatente saído da própria família, o socialismo scientifico e o reformista não encontravam forma de libertar-se das diatribes dos seus e dos receios dos adversários. Ainda restavam focos luminosos como os de Vanderelde, que procurava assentar a emancipação da classe ope-

rária na cooperação, fundamento pouco distinto do corporativo intransigente dos revolucionários. No entanto o abismo subsistia, crescendo-se de incapacidade os defensores de uns e outros sistemas. Ao fim de dois anos de guerra a carença de soluções entre os socialistas tornou-se mais patente, e pode afirmar-se que elles fôram as primeiras vítimas da contenda, acatando como patriotas em todas nações uma guerra que o seu crédo político não admitia.

Em primeiro lugar, e para tirar a este fetiche talvez a sua maior fôrça de atracção, — a ideia de que constitue uma novidade, é preciso tornar bem conhecido que a doutrina socialista proclamada pela Alemanha, e o regime que preconisa, outra coisa não é senão o dos povos selvagens dos tempos primitivos. É o progresso que se pretende implantar.

¿ Pois serão tão ignorantes os modernos socialistas que não saibam que exactamente o regime desses povos, ainda no estado bárbaro, era o colectivismo da propriedade e dos meios de trabalho; que nesses povos, quando chegados a um estado mais adiantado, mas ainda atrazadissimo, existiu já a repartição periódica da propriedade, como succedeu entre os hebreus, slavos, germanos, prussianos e outros? Não é este ainda o regime das populações bárbaras da Ásia e da África?

A que deve a humanidade o seu progresso? É incontestável, ao seu espirito crescente de individualismo. É o que demonstra a história dos povos que mais elevada civilisação adquiriram como o Império Romano — é o que demonstra pela fôrma mais irrefragável a grandeza do Império Britânico.

É o povo inglês aquele que melhor vive e que mais refractário tem sido à malaria socialista que, longe de elevar, afunda e destroe todos os progressos da civilisação, acobertada com um falso sentimentalismo do socôrro aos fracos, que não é outra coisa senão um incentivo para a preguiça, para a inercia, para o aniquilamento de todas as fôrças, para se chegar ao nada.

Honra ao homem que cumpre os seus deveres, que trabalha com inteligência e energia, que produz e respeita o trabalho alheio! Ele é o benemérito da humanidade. É êle que deve merecer toda a consideração. É da sua existência que depende o futuro de um povo, de uma raça.

Emquanto a teoria socialista alemã, com Karl Marx à frente, préga o estado providência e a igualização do trabalho, o operário inglês afirma o seu valor, reivindica um lugar bem marcado, e consegue melhorar a sua situação material como nenhum outro. Pelas suas *Trad'es Unions*, sem alterar as bases da sua sociedade, rechaçando enérgicamente as embaladoras teorias socialistas, que só podem conduzir à letargia e à morte, tornaram-se capitalistas. Só no país da Inglaterra o número dos operários inscritos nas *Trade's Unions*, aproxima-se já de dois milhões, e o seu rendimento eleva-se a mais de *dois milhões de libras*, conseguido exclusivamente pelo seu próprio esforço.

Não posso alongar-me mais sôbre êste assunto, mas prometendo voltar em breve a ocupar-me desta extraordinária raça, terminarei esta parte recordando duas interessantes apreciações do Príncipe de Bulow sôbre o seu valor político.

«Em parte alguma do mundo tem a política tão grande fixidês, e segue com tão segura orientação, como na Inglaterra. Á tenás continuidade da sua política, através dos séculos, independente nos seus fins e fundamentos das mudanças de govêrno, deve a Inglaterra os seus grandiosos êxitos na política mundial».

Enfim, diz ainda o Príncipe de Bulow:

«O povo inglês é politicamente o mais sábio de todos os povos».

\*

\* \*

França.

A despeito das multiplas vicissitudes porque tem passado

a região hoje ocupada pela França desde as épocas históricas, há uma circunstância interessante a registar: — a unidade para que tendem os variados elementos que a ocupam, sucedendo mesmo o notável facto de serem rapidamente absorvidos pelo seu meio aqueles que em diversas épocas a invadem ou assolam.

Recordando o que disse em relação à Alemanha, logo se reconhece como diferem essencialmente as populações dos dois países na sua disposição para a constituição de uma nacionalidade. E, contudo, as suas áreas são sensivelmente iguais: 540:777 quilómetros quadrados para a Alemanha, 536:464 para a França. Infelizmente que para a França o desenvolvimento da população declinou extraordinariamente, resultando como consequência uma grande desproporção de forças, pois segundo a estatística de 1914, a população da Alemanha elevava-se a 64.926:000, enquanto que a da França era sómente de 39.602:000; menos 25:324:000; 61 % da população da Alemanha.

É o que facilmente pode apreciar-se considerando as diferentes fases porque passaram os dois países depois de Carlos Magno, e sobretudo o desinvolvimento da França desde que se instalou a dinastia capetiana nos fins do décimo século, pouco antes da eclosão da nacionalidade portuguesa, que, é bom lembrá-lo, debaixo da acção enérgica e inteligente dos seus reis, secundada pela coragem e tenacidade do povo português, foi de todas as nações da Europa a que primeiro ocupou estavelmente, e com um organismo homogénio, a região que até hoje tem constituído o seu domínio nesta parte da terra.

A completa constituição da França, nos seus actuais limites, demorou até aos fins do século XVIII, quasi até à época da revolução: mas sempre numa marcha ascensional e com uma disposição harmónica de todos os seus elementos. É para notar que, por exemplo, a Alsacia só entrou no orga-

nismo da França depois do tratado de Westfalia em 1648, e a Lorena depois de 1766, e, comtudo, logo o seu carácter se tornou essencialmente francês, e só a França êstes povos consideram como sua pátria.

O génio gaulês domina esta formosa civilização através de todos os tempos: notável pelo seu heroismo, pelo seu espírito de cavalheirismo, e sobretudo pelo *charme* com que encanta e arrasta o mundo, até quando se deixa empolgar por perigosas e prejudiciais ilusões.

Ninguém pode por fôrma alguma pôr em dúvida a sua energia, a valentia dos seus exércitos. O brilho das suas façanhas militares deslumbra em todos os tempos. Muitos dos nomes já gravados na história da pavorosa luta a que assistimos, eram já célebres, como Soissons e Verdun. Contudo o seu carácter nada tem do espírito essencialmente guerreiro da Alemanha, e a união dos diferentes povos fez-se mais por uma identidade de ideias, do que por uma acção de conquista.

A chaga aberta pelo desastrado tratado de Francfort tem sangrado sempre: mas não infectou o organismo com o ódio, e é para respeitar o espírito de conciliação, por vezes de excessiva tolerância, que a França tem constantemente manifestado durante o doloroso período decorrido desde 1871.

São bem diversos os aspectos que apresenta a sua vitalidade. Por vezes uma observação superficial poderá considerar succumbido o seu organismo. Decerto ainda há pouco a Alemanha supoz aquele valoroso país minado pela podridão e tombado na agonia. Seriam as consequências dos venenos que lhe infiltrára, do socialismo e do pacifismo, por meio de putrefactas injeccões de egoismo e traição.

Êrro profundo que a nação alemã está pagando duramente.

Onde esperava encontrar decomposição e cobardia, encontra a Alemanha a máxima vitalidade, o mais assombroso patriotismo; abnegação e heroismo que obrigam todos os

povos do mundo, e até a própria Alemanha, ao mais profundo respeito, à maior admiração por essa generosa nação, que tanto nos seduz com o seu génio científico e artístico, com o seu espírito idealista e altruista, que a leva tantas vezes a sacrificar-se pela causa das outras nações, e ainda nos embala com os seus cantos, mesmo quando por vezes a razão cede a injustificados sentimentalismos.

Ao génio gaulês, mais uma vez ficará devendo a humanidade escapar ao jugo germânico.

A batalha do Marne, decisiva no século xx, terá de ser posta a par da batalha de Méry-sur-Seine, ganha em 451 pelos francos sôbre os hunos comandados pelo cruel Attila, a qual marcou a derrota dos bárbaros invasores, a despeito das suas qualidades guerreiras, e do seu espírito devastador que então, como hoje, levou o luto e a destruição a florescentes regiões.

Como a histórica e sacrificada Arras, deverá ter lembrado, ao sofrer no século da ciência, no século da fraternidade, o mais completo e horroroso martírio, a miseranda sorte, exactamente igual, que teve nos princípios do século v, tendo então por companheiras, entre outras notáveis cidades, Mayença, Strasburgo, Reims, também mártir de hoje!

Então, como agora, o executor foi o mesmo povo. Então chamou-se-lhe a invasão dos bárbaros. Agora, singular irrisão, chama-se-lhe a invasão dos científicos, da *Kultur*.

\*

\* \*

### Rússia.

Difícilmente poderão aplicar-se com mais propriedade a outro país as conhecidas palavras de Rebelo da Silva: — «os maiores impérios no auge da opulência decaem de um para outro momento desfeitos em pó diante dos que lhe sucedem».

Ainda há pouco era o gigantesco colosso que ameaçava o

mundo. Rapidamente debaixo da acção enérgica de imperadores notáveis como Catarina e Pedro o grande, que levou o seu zêlo a vir como simples trabalhador aprender na Holanda a arte da construção naval, e numa simples barraca, piedosamente conservada, viveu em Zandam a vida comum dos operários, tornou-se o maior império do mundo em superfície, com os grandes massiços da Europa e da Ásia, cêrca de 22.673:585 de quilómetros quadrados, e de 162.165:000 de habitantes.

No entanto a sua ambição conservava-se insatisfeita, devido à falta de mares livres que lhe permitissem relações fáceis com os outros povos da terra: as suas extensas stepes eram um constante aguilhão a obrigá-la a procurar saídas para todos os lados. No entanto os seus desejos eram sempre contrariados; e ainda quando depois de uma guerra sangrenta, em que parecia chegado o momento de terminar o ominoso domínio turco na Europa, o Tratado de S. Stephano ruiu-lhe as esperanças quási realizadas.

Incapaz de medir-se com a sua rival, a Inglaterra; tendo sofrido o formidável revés que lhe inflingiu ainda há pouco o Japão; desprezada pela Alemanha, e sempre mal vista pela Áustria, uma situação nova lhe tinha sido criada pela necessidade sentida pela França de um forte apoio. E os povos francês e russo, qua aparentemente se encontravam em pólos opostos, uniram-se com um objectivo comum, a defesa própria contra a cubiça alemã.

Os representantes da democracia francesa, e do autocratismo russo, com pasmo de todos os principios, e do próprio Kaiser, que, embora chefe de uma religião de Cristo, se tinha tornado o protector dos sectários de Mafoma — abraçaram-se estreitamente: as côres russas e francesas entrelaçaram-se em Paris e S. Petersburgo, e misturaram-se os hurras dos marinheiros russos com os dos marinheiros franceses em Krons-tadt e no Havre.

O ouro francês correu em abundantes caudais para fertilizar as energias russas. Em pouco tempo a Rússia viu-se afagada pela amizade do Japão e da Inglaterra, suas rivais seculares. Agravado o perigo germânico, a Inglaterra, saindo do seu isolamento, mas sempre cautelosa, inovou a fórmula da *entente*, que passou a unir os tres países — França, Rússia e Inglaterra. Reacção fatal provocada pela insaciável ambição germânica.

É incontestável; a Rússia valorizou-se prodigiosamente, tornou-se um elemento que passou a inspirar sérios receios, e a sua fôrça manifestou-se poderosa fazendo tremer por duas vezes as monarquias centrais, que a estas horas já teriam quebrada a sua audácia, se por meio do subôrno, e especulando com os desvarios de um povo ignorante, não tivessem travado a acção triunfante de Brussiloff.

Minada pelos elementos destruidores da loucura nihilista, alimentada pelo socialismo revolucionário; desorganizada pela corrupção alemã, a Rússia falta de uma *élite* de govêrno capaz de compreender os seus deveres para com o povo e a necessidade de um homem superior que lhe dirija os movimentos e lhe estabeleça um objectivo capaz de dar coesão aos seus diversos elementos, surpreendeu o mundo com um dos mais formidáveis cataclismos. E, repentinamente, como se fôssem falsas visões o seu czarismo, a sua religião e o seu povo, que no Czar via um pai da família russa, caiu na orgia das facções incapazes de governar, mas sôfregas de sangue e de destruição, e facilmente domináveis pela acção alemã, que decerto preparou o pavoroso incêndio que, rapidamente, da maior grandeza está reduzindo aquele poderoso império a cinzas. E, emfim, a Alemanha que pelo génio de Bismarck reduziu a gloriosa nação francesa a uma república fraca e facilmente dominável, como infelizmente se tem visto, ostentando-se nas eminências do poder os mais insignes inimigos da sua nacionalidade, conseguiu também reduzir a Rússia

a impotentes repúblicas e infligir assim à causa dos aliados, partilhada pelo mundo inteiro, o mais desastroso revés sofrido durante a actual guerra, — a pulverisação do cilindro russo.

E, para cúmulo ainda houve quem acusasse dêste fatal acontecimento, contra toda a lógica admissível, o Czar e a Inglaterra. A muito pode levar a cegueira ou o desejo de não ver, como se não estivesse hoje bem patente, que se devem à acção nefasta das sociedades secretas, habilmente manejasdas pela Alemanha, os horrorosos desastres desta guerra, que, de outra fôrma, o czarismo russo, aliado ao heroísmo francês e à tenacidade britânica, há muito teria terminado, com o completo triunfo da humanidade.

Esperar agora alguma cousa dos escombros de uma Rússia anarquizada e escravizada pelos seus chefes revolucionários, seria um êrro: mas negar os valiosos serviços que prestou enquanto o Czar Nicolau pôde manter a sua autoridade, seria uma flagrante injustiça. Admitir a versão de um entendimento entre Berlim e o Czar, é uma injúria a êste e à lógica, bastando para o reconhecer, atender à irreductibilidade que resultava do objectivo Constantinopla, assegurado pelo Imperador Guilherme ao Grão-Turco.

\*

\* \*

### **Responsabilidades.**

Poderá ser considerada escusada a sua discussão. Há trovoadas porque os elementos terrestres tornam inevitável num dado momento a descarga eléctrica. Há lutas porque há homens; há guerras porque há nações. Cumtudo, a necessidade que os elementos combatentes sentem de justificar a sua attitude deve significar que alguma cousa mais há a considerar nestes acontecimentos humanos, do que a cega fatalidade. Não poderá desviar-se desta opinião quem admitir o livre arbítrio, embora com fôrmas mais ou menos restrictas.

No caso presente é para notar ser exactamente a guerreira Alemanha — o país das invasões, quem mais se esforça por convencer-nos da sua inocência, excitando-se mesmo em presença das provas da sua tremenda responsabilidade que só poderia ter atenuante numa confissão franca de uma fatalidade de raça, que constantemente impele a sua população, subordinada ao carácter prussiano, para a conquista dos povos civilizados.

¿ Poderá ao menos ter sido o sanguinário crime de Sarajevo a causa ocasional desta horrorosa selvageria como se pretendeu fazer acreditar?

A nacionalidade austríaca dos seus autores, a attitude da Sérvia, roçando quasi pela humildade, afastam completamente esta hipótese.

¿ Pertencerá a responsabilidade à Inglaterra, necessitada de defender o seu império comercial e marítimo? Fácil será demonstrar como esta hipótese é inadmissivel.

¿ Pretenderia a Rússia praticar um golpe ousado para atingir o seu objectivo de Constantinopla? Verificaremos também como era para a Rússia intempestiva esta pretensão.

¿ Pertencerá toda a responsabilidade à França sempre animada pelo espirito de *révanche*, mas sempre espiritualista no ardente desejo de recobrar as suas irmãs queridas, sempre transigente, e nesta ocasião com a sua fôrça militar profundamente diminuida pela acção socialista, e pela acção corrupta de tantos elementos de poder que a Alemanha tinha conseguido impelir para a mais miserável felonía?

Quem como eu se encontrou em França nas vésperas do tremendo atentado da declaração de guerra, e na Alemanha no dia em que esse crime foi consumado, nenhuma dúvida pôde ter.

A França, embora gotejando sempre sangue da ferida que deixou aberta o tratado de Francfort, sentia-se desvairada ao entrever um acontecimento cuja possibilidade de modo algum

queria admitir. Povo heróico mas sôbretudo trabalhador e económico, preferia sofrer a ter um conflito profundamente perturbador da sua tranquilidade, do gôso da sua riqueza. E a sua atitude podia ser inquietante para quem não conhecesse, não tivesse a devida confiança, nas suas excepcionais qualidades de raça.

Em Berlim, quando ainda só alvorecia esse tremendo dia em que ia decidir-se da sorte da Europa e do mundo, em que ia assentar-se na realização da mais sangrenta tragédia representada pela miserrima humanidade, o espectáculo era completamente diverso. Parecia que todos os génios máus das lendas das suas florestas, que todos os vestígios do sangue dos seus antepassados referviam no peito da sua população e a impeliam para a luta numa serenidade medonha, de quem está disposto a recorrer a todas as extremidades para conseguir o seu objectivo. Ali só havia uma resposta: *Have-mos de ter a guerra*. A guerra feita em nome de Deus — dizia o seu imperador numa estranha alucinação, numa tremenda blasfémia. — Em nome de Deus justo e bom, uma guerra em que a crueldade de Tirpitz, sacrificando sem tréguas, sem descanso, inofensivos e inocentes, eclipsa a figura sinistra de Atila.

E Deus não ilumina com um raio misericordioso essa desorientada mentalidade, tão cheia de orgulho como vazia de sentimento!

Mas a dolorosa impressão que sentia quando em 31 de julho de 1914 deixava esse extraordinário país que é a França para entrar no dia 1 de agosto em Berlim, e observar o entusiasmo guerreiro do povo alemão, transformou-se, passados 8 dias, quando de novo tive ocasião de atravessar a França, na mais profunda comoção e respeito ao ver aquele corpo, que poucos dias antes parecia exangue, rejuvenescer por encanto e manifestar-se cheio de energia e coragem, dispondo como sempre das suas heróicas e distintas qualida-

des, e pronto para, à *cœur ouvert*, defender a sua pátria até à última gôta de sangue.

Se o quadro se me oferecia doloroso e triste quando atentava nos seus campos entregues aos cuidados da mulher francesa, hoje obrigadã aos mais pesados mistéres, manifestava-se cheia de animação e vivacidade na confiada e vibrante coragem dos seus homens.

Um país que possui taes qualidades, embora por vezes atingido pela infame malaria da traição, triunfará sempre, será sempre uma garantia da defesa da civilização!

¿ Poderia a Rússia querer a guerra quando o seu progressivo incremento lhe devia fazer desejar que demorasse o mais possível a época de ser forçada à luta para a realização do seu ideal — a passagem livre nos estreitos? Acudia à Sérvia? Como podia deixar de o fazer sem comprometer o seu prestígio?

¿ Mas não está hoje perfeitamente averiguado que a Áustria já estava resolvida a aceitar as explicações da Sérvia submissa, e que a Alemanha, quando estava iminente a conciliação, precipitou um ultimatum à Rússia com um praso de 12 horas, e uma pergunta à França, que outrã cousa não era senão um ultimatum, em harmonia com as resoluções tomadas num célebre conselho reunido em Potsdam, a 29 de julho de 1914, debaixo da presidência do Imperador?

¿ E quando tinham lugar estes acontecimentos? Quando a Inglaterra e a França empregavam os mais enérgicos esforços para evitar a horrorosa tempestade que a Alemanha a todo o transe quiz desencadear, convencida de que tinha chegado o momento de tornar a Europa numa grande Alemanha, e assim dominar o mundo.

¿ Poderia querer a guerra a França que a muito custo estebelecera o serviço de 3 anos, de que o povo se entregava descuidado aos trabalhos dos campos e das indústrias, com as regiões officiais invadidas por um injustificável pacifismo,

que chegou à audácia de pretender que a França recebesse inermes os exércitos alemães?

¿ Poderia querer a guerra a Inglaterra, sempre complacente com as exigências alemãs, que ao princípio da guerra não possuía exército, nem organização militar, reduzida a pouco mais de 100:000 homens armados, que os alemães se fartaram de ridicularizar, desprovida de armamentos e fábricas de munições, a ponto de terem de aprender a recrutar com simples páos a fingir de armas, os primeiros corpos de exército inventados por Lord Kitchner, alma que foi da organização militar inglesa?

¿ No entanto quem tinha gasto quási meio século entregue ao constante cuidado de fazer a guerra? Quem tinha feito do desinvolvimento do espírito de guerra e conquista, e até de um messianismo doentio de uma missão divina para castigo dos outros povos, o objectivo principal da educação nacional?

¿ Quem tinha perseverantemente preparado os mais criminosos processos de combate, como os gazes e os submarinos, ao mesmo tempo que fazia os mais falazes protestos nas conferências de paz?

¿ Quem tinha o espírito tão absorvido pela obsessão de guerrear, que até já tinha preparados nos outros países as bases para gigantescos canhões?

¿ Quem tinha levado ao mais alto gráu de perfeição o serviço de espionagem, que lhe permitiu preparar os 42 especialmente destinados para a destruição da defêsa da Bélgica?

¿ Quem tinha, sôbretudo, pensado em corromper profundamente os países que teria de combater, por forma a levá-los a um tal estado de decomposição que se lhe tornasse impossível a defêsa?

¿ Pois não é prova evidente de que os povos da *entente* contavam conseguir um adiamento indefinido da realização dos propósitos alemães, a sua falta de preparação militar, e também as dúvidas que ainda nos primeiros dias se manifes-

taram sôbre a entrada na luta, principalmente da parte da Inglaterra?

Para se apreciar êste facto rápidamente recordarei o lugubre drama, pouco conhecido, que nas costas do norte da França se passou nos primeiros dias de agosto.

Ao principiari a guerra as principais fôrças da esquadra franceza encontraram-se no Mediterraneo, e a Alemanha, ainda com a esperança na neutralidade da nação inglesa, bem justificada se observarmos que, em 30 de julho, o Rei Jorge V respondia ao govêrno francês, «o meu governo continuará a discutir franca e livremente com Mr. Cambon todos os pontos que podem interessar os dois governos», fazia sair do canal de Kiel as 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> esquadras, com a visível intenção de um rápido golpe sôbre a esquadra franceza, incapaz de sofrer o embate das fôrças alemãs, cuja superioridade era enorme, mais do dobro, estando os franceses reduzidos a 4 *dreadnoughts*.

É bom também recordar que a guerra foi precipitada no momento em que o Presidente Poincaré visitava a Rússia.

A resolução do govêrno francês foi imediata e trágica: — ordenou o sacrificio da esquadra franceza, mandando que aquelas reduzidas fôrças fossem ao encontro da esquadra alemã.

A 2 de agosto recebia o chefe da esquadra naval o seguinte comunicado; — aparelhai ámanhã às 5 da manhã para tomar posições iniciais do plano de operações, mas esperai ordens precisas para iniciar hostilidades.

Pouco depois à meia noite e 30<sup>m</sup> era enviado o seguinte rádio-telegrama.

«Marine Paris á Amiral (Marseillaise) — Appareillez immédiatement et defendez par les armes le passage de la flotte de guerre allemande partout, á l'exception des côtes territoriales anglaises. Accusez réception par télégramme».

Vinte minutos depois o contra almirante Rouyer, comandante da esquadra, dava a ordem da partida para o sacrificio.

Todos o compreenderam. Toda a esquadra francesa do canal encarou com a máxima serenidade e valentia a dolorosa situação que se lhe apresentava. — Uma completa aniquilação de vidas e material era o fim para que corria fatalmente com toda a intrepidez e heroicidade.

Nada se sabia da atitude da Inglaterra. O parlamento inglês ainda deveria deliberar. Nada estava combinado. E antes de chegar essa resolução poderia ter tido lugar uma sinistra tragédia.

Às 5 horas da manhã do dia 3 de agosto partiu a esquadra francesa, guiada pelo Jeanne d'Arc, ao encontro da esquadra alemã, para se bater até a última estilha, até ao último homem. O dia passou na constante preocupação do reconcontro esperado.

Felizmente, a Alemanha não se atreveu a realizar o seu anunciado ataque. A França, que tanto devia sofrer, escapou a mais esta provação.

Às 10 da noite pode enfim o govêrno francês enviar o seguinte rádio-telegrama.

«Marine Paris á Amiral (Marseillaise) — Vous pouvez communiquer avec commandant forces Anglaises».

Estava finalmente resolvida a atitude da Inglaterra.

Fica bem constatada a disposição pacífica dos países da *entente*, que, se alguma responsabilidade teem, é exactamente a de não se terem concertado devidamente, por forma a imporem respeito à Alemanha.

¿ Poderia ter sido evitada esta selvagem carnificina? Teria a Alemanha desistido dos seus intuitos de meter o mundo na fôrma germânica?

\*

\* \*

Atendendo à parte importante que Portugal toma nesta devastadora guerra, como consequência das relações secula-

res que nos ligam à Inglaterra, e porque para muitos espíritos ainda existe a opinião de que à Inglaterra poderá pertencer alguma responsabilidade, julgo conveniente expôr alguns factos mais que arredam completamente esta suspeita.

É a própria Alemanha que pretendendo desviar de si as responsabilidades reconhece também que não pertencem à Inglaterra. Veja-se o que escreve o Dr. Karl Helfferich na sua defesa oficial do império alemão. *A origem da guerra mundial à face das publicações officiais da Triple-Entente*, a páginas 17, da versão portuguesa:

«Em todo o caso é bom salientar que tanto a Rússia como a França pretendiam aparentar a maior moderação nessa data (24 a 26 de julho)».

«A razão é evidente: *a Rússia não tinha ainda a certeza da cooperação francesa nem da inglesa*».

O grifo é do original.

E acrescenta «Na conversa que o Sr. Savanoff (ministro dos estrangeiros da Rússia), por solicitação sua, teve no dia 24 de julho, em casa do embaixador francês e na presença do embaixador inglês (livro azul, n.º 6), pediu que a Inglaterra se declarasse solidária com a França e com a Rússia, provocando da parte do Sr. G. Buchanan a seguinte intelligente resposta: Eu, evidentemente não podia falar em nome do Govêrno de Sua Magestade (Britânica), mas em meu nome individual não via razão para que a Rússia pudesse esperar da parte do Govêrno de Sua Magestade qualquer declaração de solidariedade que implicasse a obrigação incondicional de apoiar pelas armas a Rússia e a França. *Os interesses directos da Gran-Bretanha na Sérvia eram mulos, e uma guerra por causa dêste país nunca seria sancionada pela opinião pública inglesa*».

A tradução e grifo são do original.

Mas ainda nos primeiros dias de agosto, já encetadas as hostilidades contra a Rússia e França, se empenhava a Ale-

manha por conseguir a neutralidade da Inglaterra. Na referida publicação a páginas 34 lê-se:

«A Alemanha ainda foi além nas suas concessões tendentes a facilitarem a neutralidade inglesa. O chanceler comunicou a 4 de agosto de 1914 ao Parlamento que tinha proposto ao governo inglês que, *enquanto a Inglaterra se mantivesse neutra*, a esquadra alemã não atacaria as costas da França, e acrescentava que, *enquanto se mantivesse a neutralidade inglesa*, os alemães, em caso de reciprocidade, também não emprenderiam operações contra a marinha mercante francesa».

Agora o grifo é meu. O texto demonstra pela forma mais incontestável que a própria Alemanha reconhece que a Inglaterra não queria a guerra. O que é realmente estranho, e demonstra a falta de tino político, do que se queixa o Príncipe Bulow, é que a Alemanha julgasse possível que a Inglaterra reincidisse no erro cometido em 1870 — de abandonar a França, numa luta desigual, com grave perigo para o equilíbrio europeu, e para a causa da humanidade, firme no propósito de não aceitar o jugo germânico!

A Alemanha, conseguido o seu intento, aniquilaria a Rússia e a França. Das suas disposições em relação à Inglaterra pode avaliar-se pelo seguinte texto da obra citada do Príncipe de Bulow:

«É demasiado soberbo o valoroso povo inglês para deixar-se intimidar por ameaças claras ou encobertas, tão pouco se intimidaria o povo alemão. E hoje, apoiados por uma respeitável armada, encontramos-nos em relação à Inglaterra em posição muito diversa daquela em que nos encontramos ha 15 anos, quando se tratava, quanto possível, de evitar um conflito com a Inglaterra até que tivéssemos construído as nossas esquadras».

Pelo que é de justa, e elucidativa, citarei ainda a opinião que sôbre a atitude da Inglaterra emite Mr. Emile Hovelague,

ilustre Inspector Geral da Instrução Pública em França, por uma forma digna de toda a consideração:

«É pela ideia imaterial da sua raça e não pela sua grandeza material que os ingleses combatem; não por um baixo materialismo, pela egoista exploração do mundo, mas pelo livre desenvolvimento das vontades e das energias, pela forma superior de uma humanidade pacífica que coloca o direito acima da força e não quer submeter-se a tirania de especie alguma. É por estes princípios de justiça imparcial, de administração ponderada, viril e integra que lutam aqueles Índios que deviam revoltar-se contra o seu senhor — e dão a vida por êle».

\*

\* \*

É conveniente destruir também um argumento correntemente apresentado para justificar a Alemanha da sua attitude invasora, — a necessidade de dar colação ao seu excesso de população.

À estatística de 1914 fornece interessantes elementos elucidativos, que condenam as pretensões germânicas, e demonstram a verdadeira significação da sua attitude.

Na percentagem de emigrantes ocupa a Alemanha o penúltimo lugar na escala em que são considerados 14 países da Europa, sómente com 45 emigrantes por 100:000 habitantes. Abaixo só se encontra a França com 25, mas acima estão todos os demais países com percentagens que chegam a 530 para a Espanha e Portugal, 546 para a Áustria, 590 para a Inglaterra, 840 para a Suécia e Noruega, 1060 para a Irlanda, e com a percentagem máxima de 1190 atingida pela Itália.

É também interessante atender ao total da emigração, e verificar o seu constante e considerável decrescimento. Tendo sido de 1:362:400 o número de emigrantes no período de 1880 a 1890, êste número desceu para 530:000 de 1890 a

1900, e ficou reduzido a 219:600 no período de 1900 a 1910. Só com a Irlanda se dá um facto análogo, mas em menores proporções.

Para melhor ser apreciada a razão da Alemanha acrescentarei os números correspondentes para a Áustria, Inglaterra e Itália.

Para a Áustria respectivamente nos mesmos períodos: 428:600; 650:000; 2.444:000. Para a Inglaterra, 1.283:600; 1.463:500; 1.892:000. Para a Itália 652:000; 2.265:000; 3.512:000.

\*

\* \*

### A guerra em geral.

Tendo os seus preparativos de ofensiva, desde muito, larga e cuidadosamente dispostos, a Alemanha, mal acabada de proclamar a sua declaração de guerra, imediatamente desmascarou as suas baterias, o seu propósito de desprezo por todas as convenções gerais, por mais humanitárias e civilizadas que fossem, e embora sancionadas com a sua assinatura, a sua esperança de rapidamente dominar a situação por meio de uma acção violenta e repentina, que em poucos instantes aniquilasse a França, lhe permitisse com pouco intervalo reduzir a Rússia, sem permitir mesmo que a Inglaterra se reposesse do espanto que lhe causariam tão vertiginosos como desastrosos acontecimentos.

Violada a neutralidade do Luxemburgo e da Bélgica, esmagada a épica resistência d'este heróico povo, com o qual a humanidade contraiu uma dívida de honra, o desastre de Charleroi parecia tornar inevitável a imediata capitulação da França e da humanidade. A força da *entente* ficaria virtual no campo do idealismo, e as raças por ela representadas teriam chegado ao seu fim. As águias alemãs teriam o lauto banquete das civilizações saxónicas e latinas, que a par se tinham desenvolvido e irmanado, com os mesmos períodos

de desenvolvimento e prosperidade, tendo a renascença raído na mesma época para umas e outras. — Desde o século xiv ficaram intimamente ligados os destinos da Inglaterra e Portugal. São do mesmo século Shakspeare, Camões, Cervantes, Ronsard e Miguel Angelo. Roma, Paris, Londres, Lisboa, são desde muito quatro centros grandiosos — Roma para as artes, Paris para a sciência, Londres para a indústria e comércio, Lisboa para as descobertas e colonização.

Mas decerto nesse momento histórico, em que esteve iminente o triumpho da invasão, as almas de Santa Genoveva, de Jeanne d'Arc, agitaram-se convulsivamente, e se não puderam exercer uma acção material, fizeram vibrar tão intensamente a alma da França, que as distintas qualidades desta nação irromperam mais fortes e gloriosas do que nunca. Num avanço soberbo de decisão e heroismo fez-se o milagre, e o génio francês, num momento, destruiu o trabalho perseverante e sacrilego de uma nação, incapaz de compreender as delicadezas da civilização, e que julga que um povo, como um indivíduo, possui elevadas qualidades civilizadoras só por ser possuidor de larga sabedoria, ou de poderosos meios de acção.

Para a vitória do Marne, que se deve sem dúvida a toda a nação franceza, contribuiu em todo o caso consideravelmente um homem notabilíssimo, que a pátria decerto chora com funda saudade, e de que a morte ficou envolvida em estranho mistério — o general Galieni. Comandante da defesa de Paris, a êle se deve a rápida intervenção do exército de que dispunha, o qual deslocado com uma rapidez estonteante, aproveitados todos os automóveis disponiveis, lançou de repente a confusão e a derrota num exército que se supunha já invencivel, e prompto a ditar ao mundo uma paz que seria um perpetuo sofrimento. Teriamos alargada a ferida aberta pela paz de 71.

O prestigio de von Kluch e do estado maior alemão desa-

bou por encanto, e a 26 de setembro de 1914 podia considerar-se terminada a épica batalha do Marne, que será a mais notável desta conflagração, com um passivo para a Alemanha de 140:000 homens mortos, 25:000 prisioneiros, e imenso material de guerra perdido, inclusive 150 canhões.

A partir dêsse dia a humanidade estava salva da vitória alemã. Sem dúvida não teem depois faltado cruéis dias de provação.

Todos os meios teem sido aproveitados para intimidar e devastar, mais do que para vencer e combater. A providência tinha lavrado irrevogável sentença. A par de gloriosas campanhas a Rússia, ainda num regime de ordem e fôrça, sofreu profundos revezes, que seriam amplamente compensados se as armas da corrupção não trouxessem à Alemanha a vitória do cáos, da podridão russa.

A Roménia, a Sérvia, o Montenegro tiveram de sucumbir a despeito da sua heroica defêsa. Foram de pouco resultado os esforços realizados na Grécia e Macedónia, e de pouco brilho a acção dos aliados, ali comandados por Sarrail.

A Itália, por muito tempo vitoriosa, foi gravemente atingida. Mas com o auxílio anglo-francês pode confiar-se em que oporá uma barreira invencível aos exércitos austro-alemães. No entanto a Alemanha, depois da derrota do Marne, só encontrou como recurso na sua bagagem estratégica a campanha de trincheiras, tão usada nos séculos xv e xvi, e um grande cêrco foi estabelecido desde Belfort a Nieuport. Voltaram a representar um papel importante os sacos de terra, e, como outrora, as tropas passaram a ocupar durante longos meses as trincheiras, cavadas muitas vezes na lama, encharcadas de água, apesar das passadeiras e do trabalho das bombas, já também munidas de *arrières coins*, e onde o desbaste humano é feito às marteladas, e a intemperie faz ainda mais destroços do que as balas e granadas, e os pró-

prios gases, de moderna aparição, embora processos análogos já então fossem usados.

É uma guerra bem de índole alemã, em que predomina a acção colectiva e metódica, e a fábrica e o engenheiro valem mais do que a caserna e o oficial.

No Marne a vitória foi obtida pela direcção inteligente e enérgica dos generais, pelo heroísmo dos soldados.

Na guerra de trincheiras o contra ataque é a alma do sistema. Surpreender o assaltante na desordem da vitória.

Mas, passados já 3 anos, a Alemanha ainda não conseguiu um triunfo, e recua constantemente. Pouco? Mas cada polegada representa uma pequena derrota, um quilómetro uma batalha perdida. E, só em março último, o recuo alemão foi de 3:000 quilómetros quadrados.

Entre outras são especialmente notáveis as epopeias de Verdun, do Somme de Messines, ficando sôbretudo memorável o triunfo alcançado pelos franceses em Verdun, onde a tragédia já por duas vezes revestiu as mais negras côres.

Foi em 21 de fevereiro de 1916 que pelas 7 1/2 da manhã principiou êsse pavoroso combate, que transformou êsse canto de terra num medonho inferno, e pode dizer-se só terminou em 15 de dezembro, quando os franceses recuperaram a sua primitiva linha.

Nesse primeiro dia durou o bombardeamento até às 5 da tarde, e uma constante saraivada de granadas colossais nivelou o terreno, destruindo tudo quanto existia. E comtudo muitos iguais se seguiram.

A queda do forte de Douaumont, no dia 25, deu ao Kaiser a visão de ter readquirido a situação perdida no Marne, e, orgulhoso com a acção dos seus fieis Brandburgueses, comunicou ao mundo «o forte de Douaumont, pilar angular das fortificações de Verdun, ficará solidamente nas mãos dos allemães».

Foi recobrado em 24 de outubro!

O heroísmo e tenacidade do exército francês excedeu todos os limites. Logo em principio foi preciso sacrificar 4 divisões. Debaixo da chuva de metralha e fogo que os alemães lançaram durante muitos dias, os franceses tiveram de fazer de mortos e viver enterrados em lama em confusão com mortos e feridos. As provações excederam o possível: os soldados tiveram de privar-se de beber, para com a pouca água que possuíam refrescar as fauces candentes dos canhões e das espingardas, e ao fim tiveram de sofrer o ataque desvairado de homens ébrios pelo alcool e pelo éter.

A região de Verdun ficou transformada numa rica mina de ferro.

Foi o mais brutal ataque de que há memória. 56 divisões entraram neste combate. No do Soissons entraram 90. Mas no entanto a Inglaterra pode montar e preparar um dos maiores exércitos que uma nação tem apresentado.

O general Nivelle que partilha da glória que neste combate adquiriram Castelnau e Pétain afirmou — «Ils ne passeront pas». E o exército francês sustentou-lhe a palavra.

Não posso alargar-me como quereria sôbre êste glorioso feito de armas que garante o triunfo dos exércitos aliados. Verdun tornou-se um lugar sagrado — uma visita obrigatória, e Lloyd George, que dali levou algumas castanhas para possuir no seu parque uma avenida *Verdun* de castanheiros, disse estas memoráveis palavras: «Ao tocar esta terra sagrada sinto-me profundamente commovido. Não fallo só em meu nome. Transmito-vos a admiração commovida do meu paiz, desse grande império de que sou aqui o representante. Todos se curvam como eu reverentes perante o sacrificio e perante a gloria».

Em seguida a êste desastre, perdida a esperança de iludir os seus adversários com uma paz irrisória, a Alemanha, perdida a razão e a consciência, cheia de raiva e desespero, declara a guerra submarina a todos os neutros; — máximo desprêso por todas as convenções sociais.

A consequência dêste estranho procedimento foi concitar mais violentamente a opinião de todos os povos, e levar a declararem-lhe a guerra muitos dos mais poderosos, com os Estados Unidos da América do Norte à frente.

Supunha-se que a influência de alguns milhões de alemães que ali residem dificultaria a acção daquele país. Baldada esperança. Serenamente resolvida a sua attitude de beligerante, a interferência dos Estados Unidos torna-se um factor decisivo na luta travada.

Para se apreciar a popularidade desta acção basta lembrar o entusiástico recolhimento feito em seguida à missão francesa, constituída pelo merechal Jofre, que durante bastante tempo suportou brilhantemente o pesadíssimo encargo do comando do exército francês, e de Mr. Viviani.

No colossal banquete de mil convivas que lhes foi oferecido em New-York, em que tomaram parte as mais consideradas notabilidades americanas, entre elas, Taft, Roosevelt e Hughes, Joseph Choate, presidente do Comité organizador, proferiu as seguintes expressivas palavras: «Creio que nada é mais apreciado pelas mulheres do que assistir a um jantar de leões. Há, porém, um momento em que se sente o rugido dos leões. Chegou êsse momento. Agora que vamos entrar juntos nesta guerra com a Grã-Bretanha, nossa mãe pátria bem amada, e com a França, nossa querida, deliciosa, feiticeira, facinante e hipnotisante irmã, o final não pode ser duvidoso. Estamos seguros da vitória que alcançaremos juntos».

\*

\* \*

### **Estados Unidos.**

Falta-me o tempo para demonstrar a importância enorme da decisão dos Estados Unidos, a qual determinou a quasi totalidade dos povos da América a declarar-se em hostilidade contra os Impérios Centrais, sendo dos primeiros o Brasil.

Desde o início da luta manifestou-se esta nação solidária com o país irmão, o que deve encher-nos de satisfação. E, felizmente, todos os acontecimentos decorridos demonstram que quanto mais nos afastamos da época em que o Brasil se tornou um estado autónomo, mais se estreitam e tornam cordeais as relações entre Portugal e aquela nação. É uma grande glória para o povo português; e a importância rapidamente crescente do Brasil, a constituição dessa já hoje poderosa nação, bastaria para demonstrar os serviços positivos que à civilização prestou o povo português, que bem merece, pelos seus grandes feitos e, sem receio o digo, pelo que ainda é capaz de fazer, o respeito mundial.

Os Estados Unidos, povo de formação recente que dispõe da mais rara iniciativa, de excepcionais qualidades de engenho, e ao mesmo tempo das qualidades que lhe legou a Inglaterra, ordem, tenacidade e sentimento prático, possuidor de uma região riquíssima, de mais de nove milhões de quilómetros quadrados (9.413:309), com uma população que hoje deve atingir os 100 milhões (93.401:100 segundo a estatística de 1913), votado o estado de guerra, passaram à acção com a sua costumada energia e actividade.

Será valiosíssimo o auxílio do seu exército, serenamente preparado por forma a efectivar-se com a maior vantagem. Para conseguir esse fim todas as disposições precisas serão tomadas: — portos com larga capacidade para receberem as suas tropas; frota para as conduzir à Europa; uma rede de caminhos de ferro para as levar à frente; e principalmente um serviço de abastecimento a que nada faltará. Desde logo foram adoptadas rigorosas medidas da máxima economia na alimentação própria para ser assegurado largamente o fornecimento às tropas e às nações aliadas.

Imediatamente se efectivou o seu concurso financeiro, por si bastante para ser da maior importância a sua intervenção.

Para se fazer ideia do que representa, só lembrarei que

as despesas previstas para a guerra, até ao fim de junho de 1918, elevam-se a 18 milhões de contos, ao câmbio actual cêrca de 30 milhões de contos! Os empréstimos já levantados, em grande parte destinados a auxiliar as nações aliadas, elevam-se a mais de 12 milhões de contos.

Ao principiar o futuro ano de 1918 as suas fôrças devem aproximar-se de 3 milhões de homens. Só o pôrto de New-York está fornecendo, por semana, aos aliados mais de 50:000 contos de mercadorias.

Acrescentarei ainda que estão sendo construídos 30:000 aviões que tornarão os aliados senhores dos ares, e que nos estaleiros estão em construção 1:036 navios com a arqueação total de 5.924:700 toneladas, dos quais poderá dispôr-se por todo o ano próximo.

\*

\* \*

### Portugal na guerra.

Ao lado dos grandes colossos, a que especialmente me tenho referido, tem sido também importante a acção dos pequenos países. Foi de efeito capital a intervenção da Bélgica, foi valorosa a defesa da Sérvia e do minúsculo Montenegro.

Portugal colocou-se desde o primeiro momento ao lado da sua antiga aliada. Os tratados não exigiam a sua cooperação militar, e nunca a Inglaterra pediria mais do que o que neles se encontrava estipulado. Mas resolvida a intervenção na guerra com fôrças armadas, um só desejo pode haver — que a nossa acção seja gloriosa e distinta. Tive sempre a maior confiança em que assim sucederia. Repetidas vezes tive ocasião de o testemunhar publicamente.

Os factos tem justificado amplamente a minha opinião. A visita que acabo de fazer aos nossos camaradas, que em França sustentam heroicamente a causa da humanidade e da sua pátria, comoveu-me, e confirmou-me na certeza de que Portugal sairá respeitado e aureolado desta cruel provação.

Há quasi um ano que as nossas tropas se batem em França; e desde o principio da guerra temos tido necessidade de sustentar incessantes lutas na África. Em todos os pontos têm demonstrado as suas elevadas qualidades de coragem e abnegação, sendo infelizmente certo que muito temos soffrido em consequência de graves faltas dos elementos precisos para a acção poder desinvolver-se com todas as vantagens. Tendo o nosso exército passado ainda há pouco por uma perigosa transformação, é fácil de comprehender quanto foi melindroso tomar parte na presente campanha, que na França tem um carácter essencialmente scientifico, sendo incalculáveis as exigências da preparação.

Ora tendo Portugal enviado já para a linha da frente occidental cêrca de 60:000 homens, considerável número de artilheiros para a França, e cêrca de 30:000 homens para as campanhas de África, o que representa um sacrificio enorme, é com viva satisfação que constato a alta consideração que as nossas tropas teem merecido aos nossos aliados.

Tive a fortuna de reconhecer pessoalmente a excelente disposição das nossas fôrças, como eram distintamente commandadas, e ao mesmo tempo de apreciar o que é esta guerra, velha na fôrma, mas tão nova e extraordinária pelos meios que aproveita.

Tendo encontrado nos elementos militares que dirigiam os serviços em Paris e no campo da batalha, e especialmente no illustre general comandante do nosso exército, a mais cativante amabilidade, foi-me possível chegar ao nosso campo de acção no dia 4 de outubro, e observar minuciosamente, durante os tres dias inolvidáveis que nele permaneci, a organização das nossas fôrças, e as condições em que se encontravam, tanto debaixo do ponto de vista moral, como material.

Antes, e devido à apreciada amizade do meu illustre amigo, sábio director do Observatório de Meudon, Mr. Deslandres, tive occasião de assistir a várias experiências de material e

canhões do exército francês no campo de Satory, junto de Versailles, e especialmente dos canhões aproveitados pela infantaria na luta das trincheiras, devidos àquele meu querido Amigo, que desde o primeiro dia da guerra deixou com os seus companheiros os seus notáveis trabalhos astronómicos para se dedicar à causa da pátria, juntando o seu sacrificio aó dos seus dois únicos filhos, ambos desde o primeiro momento na linha de fogo.

É obrigação minha deixar aqui registada a minha profunda admiração pelo estoicismo com que a família francesa se sacrifica, sem queixumes e sem vãos sentimentalismos; pela maneira ativa e patriótica como as mães corajosamente suportam as pungentes dôres com que esta cruel luta as alancêa durante longos meses e anos, sem que por ora se vislumbre o raiar da aurora da paz.

Não passarei também sem lembrar que nos serviços do exército encontrei todos os outros meus estimados colegas, e entre tantos lembrarei agora Mrs. Sallet, Simonin, Azambuja, Conde de La Beaume, que, desgraçadamente, já então tinha sofrido a perda de seu único filho, voluntário de 18 anos, todos firmes na convicção de triunfo da nossa querida França, dando-lhe todo o seu esforço, sem um momento de desalento. No antigo observatório de París, como guarda aquele lugar sagrado, que tanta glória tem dado à França, conservava-se só o seu simpático e sábio director Mr. Bailaud, que não podendo prestar os seus serviços no campo da batalha, dali regula o importante serviço da hora, que nesta guerra tem particular valor, e nos anima com a sua inquebrantável confiança na vitória.

Em Amiens encontrei já um antigo amigo, o ilustre capitão Miranda, que me acompanhou no automóvel, indispensável para, sem perda de tempo, se galgarem os 70 quilómetros que esta cidade dista do nosso quartel general, com escala pela escola do uso da máscara, preparatório neces-

sário para se poder entrar na região do combate, que tanto pelo efeito das granadas, como dos gases, se estende muitas dezenas de quilómetros àquem das trincheiras, — até 50 quilómetros para as granadas.

É impossível inumerar as variadas impressões produzidas pelo espectáculo de uma campanha desta ordem. Espectáculo que durante dias, meses e anos sucessivos se repete constantemente, mais ou menos variável na intensidade e nos processos usados, sempre com o acompanhamento do troar do canhão, do silvo da granada, do canto do avião e do torpedo, numa constância de perigos, que os faz esquecer, e da destruição de vidas que torna a morte num hábito.

No percurso das estradas tinha já tido ocasião de admirar em primeiro lugar a sua meticolosa conservação, a ordem com que todos os movimentos eram executados, as atenções dedicadas aos prisioneiros alemães, que com aspecto de um magnífico tratamento, vagarosamente executavam ligeiros trabalhos de reparações, enquanto que os mais pesados estavam a cargo de grande número de chineses contratados, homens fortes que me surpreenderam.

Em dezenas e dezenas de quilómetros eram as estradas ladeadas por intermináveis armazens de munições e abastecimentos improvisados, com abrigos de sacos de terra. Cardeias sem fim de pesados camions transportavam os milhares de toneladas precisos para o abastecimento quotidiano. E tudo na mais completa ordem, tudo com o maior aceio, reluzindo os metais das viaturas como se se tratasse de uma espectacular parada. A par desfilavam serenos os regimentos da cavalaria indiana, os batalhões de canadianos, e as viaturas da artilharia. Tinha-se a estranha impressão do tremendo exodo de um povo: pensava-se nessas tribus nómadas que com todos os seus haveres viviam e vivem em constante peregrinação. Tomava-me um respeito profundo ao pensar em que ali passavam alguns milhões de homens, sustentados por

muitos mais milhões, e que todos tinham feito o sacrifício da sua tranquilidade, do seu ouro, do seu sangue, para virem deter a inundaçãõ germânica, que ameaçava alagar o mundo.

E no meio de elementos tão notáveis pela sua organizaçãõ e coragem, eu tive o prazer de observar como o exército portuguez occupava uma situaçãõ distinta e respeitada, procurando todos os seus elementos cumprir o seu dever com inexcedível brio e coragem.

Desde o seu general em chefe, incansável no exercicio das suas funções, que exigem multiplas aptidões, — valentia, energia, zêlo e diplomacia, até aos nossos queridos soldados, todos os elementos demonstravam uma decidida vontade de honrar superiormente o nome portuguez.

Apesar das circunstâncias terem os sectores entregues ao heroismo portuguez em relativa acalmaçãõ, não deixava de troar quãsi constantemente o canhão, de sentir-se o ruído sêco das *costureiras*, e não faltavam de noite os ataques dos aviões — que poucos dias antes tinham produzido o macabro sinistro do incêndio de um hospital de doidos, em que muitos tinham perecido — os recontros das patrulhas, com lutas mais ou menos violentas, em que os nossos têm conseguido sempre vencer tendo já havido muitos actos de grande heroicidade. Agora só lembrarei o que pouco antes tinha distinguido o alferes miliciano Cidade, aproveitando a occasiãõ para recordar os elogios merecidos pelos officiaes milicianos, que distintamente têm acompanhado os seus camaradas de carreira.

Nas ambulâncias os serviços eram feitos com a maior dedicaçãõ e cuidado, sendo digno do maior elogio o aceio que por toda a parte se notava. Os nossos médicos como os nossos padres, já tratando o corpo, já animando o espirito, davam as mais brilhantes provas. Uns e outros chegavam ao sacrificio de se sacrificarem para salvar a vida alheia, abrindo as veias para fornecer o sangue precioso e indispensável em momentos extremos.

Se a valentia da nossa infantaria estava já bem provada, a competência dos nossos artilheiros merecia também a mais elevada consideração. Percorrendo as trincheiras e observando os serviços de tiro de canhão, tive o prazer de certificar-me do merecimento das nossas tropas, tendo tido ocasião de assistir a algumas descargas dos 7 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> na bateria que estava debaixo do comando do valente tenente Monteiro Pachecô.

\*  
\*   \*

Tantas e tão emocionantes são as muitas descrições desta guerra, que não pode ser pretensão minha expôr aqui impressões novas.

Uma observação farei para destruir uma acusação que por vezes corre, — de serem muito sacrificados pelos ingleses os povos que a seu lado combatem. A todos os officiaes francezes ouvi as mais elogiosas referências às delicadezas do exército inglês.

Para com as nossos têm primado pelas maiores atenções, e o nosso distinto comandante general Tamagnini é possuidor de valiosissimos testemunhos da grande consideração que merece ao alto comando inglês. El-Rei Jorge V, com expressivas palavras de aprêço, colocou-lhe com as suas mãos o colar da Ordem do Banho. Se canadianos e australianos são repetidas vezes os primeiros no ataque, é porque o seu génio assim o exige.

\*  
\*   \*

Até horas adiantadas da noite, à roda da meza de trabalho do illustre general, esquecido do que seja o descanso, na intimidade, animado pela alegria que a juventude conserva no meio dos maiores perigos, e que afirmava a nobreza

dos caracteres dos seus ajudantes e meus amigos, capitão Monteiro, tenente Luís de Camões e do alferes Bleck, orgulhoso de ter corrido toda a escala militar, desde impedido que se revia no lustro das botas do seu oficial, e ali prestava com o maior brio e zêlo os seus serviços, numa conversa interessantíssima, eu ia completando com as explicações, que com a maior proficiência me eram feitas, a aprendizagem que os factos observados sugeria.

Há a distinguir a preparação e a acção. Na primeira parte há inúmeros elementos a considerar: A guerra é, como nos séculos xv e xvi, uma guerra de trincheiras. Mas os elementos de que a sciência militar hoje dispõe complicam de um modo extraordinário a sua movimentação.

Na parte material das trincheiras não terá havido modificações importantes, os *dug-outs* devem ter existido, mas a sciência introduziu elementos de incalculável valor, e a cronometria, a telegrafia, a telefonia, a fotografia prestam serviços inestimáveis.

A química fornece poderosos agentes de destruição; — com açoes especiais para o fabrico dos morteiros, dos canhões, das espingardas, dos torpedos, das granadas, das balas; com violentos explosivos que aproveitam as prodigiosas forças armazenadas pela matéria; com os gazes asfixiantes, e as máscaras que evitam os seus crueis efeitos.

A física fornece aparelhos que permitem apreciar as posições com todo o rigor, os telefones, a telegrafia sem fios, a fotografia com que à topografia adquire novos e expeditos processos.

A mecânica resolve o problema da navegação aérea, nova arma de guerra, que desta vez ainda não exerceu toda a acção a que está destinada, mas já tem servido, de um modo notável, para os reconhecimentos, e com o auxílio da fotografia permite que todos os dias possam ser levantados rigorosos planos dos acampamentos por meio dos quais o

combate chegou a um rigor científico, verdadeiramente surpreendente.

E à vista dessas cartas compreende-se a precisão do tiro da artilharia, e como, com o auxílio da cronometria, podem executar-se ataques de precisão matemática, em determinados momentos, e em determinadas extensões, conjugados com perigosos fogos de barragem.

Fica-se fazendo uma ideia aproximada da grandiosidade desta luta, do que é preciso de preparação científica. Mas — diz-nos o General — indispensáveis como são todos êstes elementos, um há que conserva sempre o primeiro lugar — o valor moral, a facilidade de tomar rápidas e acertadas resoluções. São qualidades que distinguem no mais alto gráu os exércitos aliados. Com elas esbarrou a *Kultur* alemã. São a explicação do extraordinário triunfo dos países aliados, que sem preparação guerreira, dominam quem demoradamente se preparára para a luta.

Uma arte nova também resultou da existencia dos aviões — a camoflagem, arte de iludir a sua observação, de mascarar os trabalhos por fórma que a fotografia não os possa desvendar.

A acção é principalmente notável pelos meios formidáveis de que dispõe, e logo em primeiro lugar há a considerar a quantidade enorme de homens que de um e outro lado entram na luta.

Nas antigas batalhas, raras vezes os exércitos atingiam 100, 200 mil homens. Hoje temos frente a frente muitos milhões de homens. Tivemos canhões de 42, aproveitam-se morteiros de 38, e a França já construiu o 55. As granadas e os torpedos produzem assombrosos estragos, e a terra demonstra a potência da sua destruição com crateras de que as dimensões chegam a 5 e 6 metros.

Cêrca das 11 horas da noite recebia-se o comunicado enviado ao mundo pelo comando alemão. Pouco antes tinha

sido recebida a noticia detalhada da acção em todas as frentes. Tudo magnificamente impresso em óptimo papel!

Mas é isto uma guerra ou uma mistificação?

Sentia-se o canto dos aviões, as granadas e os torpedos silvavam no ar e realizavam a sua trágica missão de morte. Nas trincheiras os ouvidos estavam atentos. Os ataques inesperados sucediam-se. A luta corpo a corpo, a caça ao homem continuava com a maior crueza em frente da tranquila serenidade dos movimentos celestes.

Emfim, foi forçoso partir, — cheio de saudade e reconhecimento.

E agora tive ocasião de observar outro espectáculo mais trágico. Além a morte ainda não tomára o aspecto pavoroso da inercia. Agora atravessavamos campos desolados, passavamos por trincheiras abandonadas, por montões de pedras que ainda há pouco constituíam risonhas habitações, por florestas de cruces evocadoras de sofrimentos e heroismos.

Em Arras, na cidade mártir, a scena atingia um limite inacessível à imaginação humana. Nessa histórica cidade, ainda há pouco cheia de animação e de preciosidades, de inestimável valor, entre as quais sobresáia a linha delicada da sua monumental cathedral que ao céu elevava as préces de sucessivas gerações nem uma construção tinha sido poupada. — Derrocadas completas, muros arruinados, esqueletos de casas, alguns telhados dependurados, semelhando figuras decapitadas, por toda a parte a mais completa desolação!

Que horrorosos dramas evocavam aquelas lugubres ruínas, habitadas sómente por aves agoirentas, entregues à guarda de alguns soldados! A impressão tornava-se ainda mais dolorosa com a contemplação das gigantescas ruínas da sua bela cathedral, que para ali jazia abandonada, exposta ao vendaval, com as suas abóbas derruidas, as suas colunatas fendidas, os seus muros esquarterados.

Mas no meio daqueles informes destróços do mais crimi-

noso vandalismo, uma figura ficára intacta e ali se conservava, como a pedir ao céu perdão para tanto crime, a rogar pela salvação da pátria francesa. *Notre-Dame de Lorette*, talhada no mármore rijo, mas traduzindo nos seus doces e delicados traços o sentimento humano em graça, impunha a devoção e o amor, e enchia o coração de fé, — o sentimento que mais benefícios nos prodigaliza, animando-nos, como nenhum outro, para suportar as agruras da vida. E que imensa fé e coragem não tinha feito cobrar *Notre-Dame de Lorette!*

Bem o sentiam os meus estimados companheiros entre os quais se encontravam os Doutores Magalhães Lima e Augusto de Castro.

\*

\* \* \*

### Prognóstico do desenlace da guerra.

É grande o valor dos contendores. É rija a resistênciã dos impérios centrais,\* que a estas horas terão perdido para cima de 7 milhões de homens, sem poder contestar-se-lhes uma meticolosa organização para a guerra, e a coragem para recorrerem aos mais condenáveis processos — o bombardeamento de cidades indefesas, e até o afundamento de navios inermes, pertencentes a países neutros, mesmo a países a que devem a maior gratidão e respeito. Bem lho merecia o generoso monarca espanhol que, no meio de dificuldades quasi insuperáveis, tem conseguido prestar os mais assinalados serviços à humanidade.

De nada lhe valerá essa longa preparação, e a sua concepção do direito e dos mais elementares sentimentos de humanidade. O triunfo dos aliados ficou assegurado com a vitória do Marne.

Tem sido cruel a acção dos submarinos, o que não tem impedido o aumento do comércio dos países que lutam contra a Alemanha, sendo a final esta nação quem sofre as consequên-

cias. Para apreciar esta verdade basta observar o total do movimento de importações e exportações dos Estados Unidos em 1914, 1915 e 1916, respectivamente 2:122, 3:119 e 4:446 milhões de dolares, em números redondos. Nos mesmos períodos o comércio da Alemanha com os Estados Unidos (antes d'êste país entrar na guerra) foi de 307, 90 e 102, sendo as exportações sómente de 158, 12 e 2.

É deveras grave a falência da Rússia, a inutilização dos exércitos roménos, sérvio e montenegrino. É doloroso o desastre há pouco sofrido pela Itália e o rude golpe logo no princípio suportado pela Bélgica.

Mas todos êstes acontecimentos, por mais importantes que possam considerar-se, em nada influirão sôbre o resultado final, sendo é certo para sentir que retardem o momento da completa liquidação.

Todos êstes factos são incidentes da verdadeira luta. Todos esses países, alguns infelizmente já derrubados, outros obrigados a sustentar heroicamente uma luta désigual, teem prestado assinalados serviços.

Permitiram que a linha ocidental se tornasse invencível, e que esteja gastando dia a dia, e por forma notável, as fôrças dos grandes impérios do centro.

Desde a derrota do Marne nunca mais os exércitos alemães cessaram de ser derrotados nesta linha e de abandonar consideráveis extensões de terreno, apesar dos seus desesperados ataques.

As batalhas de Verdun do Aisne, de Soissons, de Ypres, da Messines de Cambrai são constantes manifestações da superioridade dos aliados, que neste momento vão receber mais um importante auxílio, o dos Estados Unidos da América do Norte.

Nenhuma dúvida haja sôbre a sua importância.

Já me referi à sua importância financeira e económica. Terá também enorme valor a sua cooperação militar. Sorriam-se

os impérios centrais do exército de terra da Inglaterra, sempre dedicada exclusivamente ao engrandecimento da sua poderosa armada. Hoje tem de curvar-se diante da fôrça imponente que êste país lhe apresenta com mais de 6 milhões de homens modelarmente equipados e preparados.

Garantem os Estados Unidos que colocarão nas linhas da batalha, dentro em pouco, muitos milhões de homens. Assim sucederá.

Mas, diz-se, os aliados não conseguirão romper a inexpugnável linha de Edinburgo! Os factos ocorridos há 3 anos de modo algum garantem esta asserção, e são muitos os sinais de que o exército alemão se encontra exausto.

Com os reduzidos avanços realizados gastar-se-iam dezenas de anos para chegar a Berlin! Mas não se atenta em que a vitória em nada depende de uma vitoriosa marcha até Berlin. Alguns quilómetros conquistados significam uma importante vitória, um enorme desgaste das fôrças vencidas.

Conceda-se, e é inadmissível, atendendo à decadência financeira e económica dos impérios centrais, que êstes aguentam por muitos anos a sua frente ocidental.

Nem por isso deixam de estar já virtualmente vencidos e condenados a succumbir num praso mais ou menos curto.

É que vencido se encontra de facto um inimigo que se acha impossibilitado de comunicar com o mundo, e cujo pavilhão desapareceu da superficie dos mares, para ocultar as suas crueis proezas nos abismos dos oceanos.

\*

\* \*

### **Conseqüências gerais da guerra.**

Problema complicado e de extraordinária dificuldade.

Hoje, como nunca sucedeu, a sua solução afecta todos os países. Quási todos beligerantes, e mesmo, os poucos que

teem conseguido manter a sua neutralidade, muito comprometidos.

Demais são multiplos os aspectos a considerar. Moral, social, económico financeiro, industrial comercial, militar e muitos outros.

É indispensável reduzir as largas considerações que este importante assunto sugere.

Devemos confiar em que os sentimentos de moralidade e justiça serão acrisolados. Acentuam-se os sentimentos religiosos. Aumenta o respeito pela igreja. São muitos os Bispos glorificados, e a despeito da difícil situação em que se encontra, tem o Papa conservado uma posição universalmente respeitada, embora tenham sido infrutíferos os seus esforços para a realização da paz.

As imoralidades descobertas teem levantado a mais justa indignação, e é de esperar que o seu justo castigo entibie de futuro os mais audazes.

Reconhecido que as ideias socialistas exportadas pela Alemanha para aniquilamento das sociedades, sómente teem como consequência destruir os sentimentos de cordealidade, destruir a família e a pátria, e estancar as fontes de riqueza, é justo esperar que os elementos trabalhadores tomem a orientação inglesa e americana, e baseem o seu bem estar no seu trabalho activo e inteligente.

As riquezas inexgotáveis patenteadas pelos países aliados garantem a sua rápida reconstituição.

Já dei algumas indicações sobre os recursos colossais dos Estados Unidos. Para apreciar o esforço de que é capaz a França limitar-me-ei a observar que, só os adiantamentos feitos pelo Banco de França, já em 27 de junho do corrente ano montavam a 10:600 milhões de francos.

Segundo o cálculo de Lloyd George o rendimento da Inglaterra é avaliado em 16 milhões de contos. O rendimento da França é avaliado em 7 milhões.

Aproveito a ocasião para registrar que as despesas da guerra foram calculadas por dia para o ano de 1916 em cêrca de 100:000 contos, e o total para o primeiro anno em cêrca de 64 milhões de contos. Não será, pois, exagerado supôr que teremos já chegado a uma despesa superior a 200 milhões de contos!

O rendimento médio anual era calculado por M. Helfferich, financeiro alemão, em Escudos 285⌘32 para o inglês, 173⌘16 para o francês, 194⌘00 para o alemão. A capitação francesa, inferior, apesar do capital francês ser mais importante tem explicação na forma como em França são colocados os capitais.

É seguro que meios poderosissimos serão de futuro aproveitados para um rápido desenvolvimento da produção, e é indubitável que assistiremos a uma actividade febril, que se esforçará por conseguir rapidamente o preenchimento das lacunas produzidas pela guerra.

Ninguém pode supôr que os impérios centrais ficarão isolados por uma barreira vedada para todas as relações mundiais. Mas é certo que sofrerão dolorosas conseqüências.

Continuarão seguramente com os seus fornecimentos, mas em notáveis condições de inferioridade, pois sómente à fôrça de baratear os seus produtos poderão vencer a repugnância que por muito tempo se oporá às suas relações, e ao mesmo tempo terão de vencer as novas e fortes correntes agora estabelecidas.

As complicações podem tornar-se muito mais graves se fôr adoptado o critério alemão, sôbre indemnisações, de von Zedlitz, antigo director do Banco do Estado Prussiano, o qual julga deverem compreender: — custo de mobilisação; sustento do exército e da armada; despesas da campanha, reconstituição dos armamentos, das fortificações, dos navios, das linhas férreas, das pontes e das estradas; despesas provinciais e locais resultantes da guerra; prejuízos sofridos pelos

particulares, municípios e cidades; reconstituição dos monumentos públicos; enfim o capital de pensões concedidas aos inválidos e famílias dos soldados mortos.

¿ Por quanto tempo teria de durar a escravatura económica da Alemanha se amanhã tivesse de suportar esta penalidade ?

E é oportuno observar que exclusivamente à Alemanha cabe a tremenda responsabilidade da perda de um capital incalculável pela destruição irremediável das mais apreciadas preciosidades, sem justificação alguma nas necessidades da guerra.

Pela sua parte os aliados respondendo à nota do Presidente Wilson, quando os Estados Unidos ainda estranhos à luta procuravam influir com a sua generosa intervenção na terminação da guerra, demonstravam o seu espirito de conciliação e desejos de uma paz justa e honrosa, como pode apreciar-se pela citação dos seguintes paragrafos da sua resposta :

«8. Os Aliados consideram que a nota por eles entregues aos Estados Unidos, em réplica à nota alemã, responde à pergunta feita pelo govêrno americano e constitue, conforme as suas próprias palavras, «uma declaração pública relativa às condições em que a guerra pode ser terminada». Entretanto o presidente Wilson deseja mais: deseja que as potências beligerantes declarem quais são os fins a que se propõem continuando a guerra. Os Aliados não encontram nenhuma dificuldade em satisfazer esse desejo; os seus fins nesta guerra são bem conhecidos porque teem sido declarados várias vezes pelos seus diversos govêrnos; em detalhe, sôbre compensações e indemnisações equitativas pelos prejuizos sofridos, só podem ser expostas quando chegar o momento das negociações. Mas o mundo civilizado sabe que elas incluem em primeiro lugar a restauração da Bélgica, da Sérvia e do Montenegro com as compensações devidas a esses países; a evacuação dos territórios invadidos da França, da

Rússia e da Rumania e, ao mesmo tempo, as justas reparações; a reorganização da Europa, garantida por um regime estável, baseado sobre o respeito das nacionalidades e do direito que todos os povos, grandes ou pequenos, tem de gozar uma segurança completa e um livre desenvolvimento económico e também sobre convenções territoriais e regulamentos internacionais apropriados a garantir as fronteiras terrestres e marítimas contra ataques injustificáveis; a restituição das províncias ou territórios outrora arrancados aos Aliados pela força e contra a vontade de seus habitantes; a libertação dos italianos, dos slavos, dos rumaicos, dos tcheques e dos slovacos da dominação estrangeira; a libertação dos povos submetidos á sanguinária tirania dos turcos e a expulsão da Europa do império otomano, que é incontestavelmente estranho á civilização ocidental.

«10. É quasi inútil dizer que, se os Aliados querem salvar a Europa da cubiça brutal do militarismo prussiano, nunca foi seu propósito pretender, conforme se propalou, a exterminação ou o desaparecimento político dos povos germânicos. O que os Aliados querem antes de tudo é assegurar a paz sobre os princípios de liberdade, sobre a fidelidade inviolável aos deveres internacionais, nos quais se inspira sem cessar o governo dos Estados Unidos.

«Tendo em vista tão elevados fins, os governos Aliados estão decididos, cada um e solidariamente, a agir com toda a força de que dispõem e a fazer todos os sacrificios para chegar á conclusão victoriosa de um conflito do qual, eles estão convencidos, depende não sómente a sua própria segurança e prosperidade, porêm, igualmente o futuro da civilização».

Sobre o futuro militar sinto não poder compartilhar a esperança que o espírito evangélico de S. Santidade põe na abolição quasi completa das despesas militares.

Conseguido este resultado ficaria resolvido o difficil pro-

blema das indemnizações, porque cada povo, na economia que faria, teria larga compensação para os pesados sacrificios que tem suportado.

O que hoje temos de reconhecer é que as desgraças que lamentamos teriam sido evitadas, se a Inglaterra e França tivessem sempre tido em consideração a probabilidade de uma guerra.

Muitos séculos tem decorrido depois que na sabedoria das nações entrou o principio — *si vis pacem para bellum*. Infelizmente estou persuadido de que muitos mais decorrerão ainda sem haver motivo para que desapareça.

\*

\* \*

Entre as importantes conseqüências que devem esperar-se avultarão de certo as novas linhas comerciais que se esboçam, e, facto curioso, com as quais parece querer a Providência suavisar os crueis sofrimentos da França.

É o que facilmente pode reconhecer-se considerando as duas novas artérias que se preparam. — Uma pode já considerar-se assegurada, — de Bordeus a Odessa por Lião, Milão, Veneza, Belgrado. A outra, dependente da execução do tunel da Mancha, poria a Inglaterra em immediata ligação com o Oriente através a França. A linha Londres, Calais, Lião, Marselha, em caminho de ferro, terá seguramente uma enorme importância para a França.

A linha Bordeus Odessa, com natural prolongamento para a Ásia, e com a vantagem de receber os productos americanos, num ponto muito mais vantajoso do que Hamburgo, será um golpe mortal sôbre o futuro da sonhada linha Hamburgo Bagdad.

E sem agora me alongar mais sôbre êste importante assunto, só observarei quanto devem ser graves para a Ale-

manha as conseqüências da sua errada política de domínio universal, e como nada deve surpreender a rápida derrocada do império, verificando-se mais uma vez a verdade das opiniões do Príncipe de Bulow sôbre a incapacidade política da Alemanha.

\*

\* \*

### Portugal na paz.

Confiemos em que o período da paz chegará, e brevemente; como conseqüência de uma vitória esmagadora dos aliados, ou do máu êxito de todas as tentativas dos exércitos alemães para romper as linhas do ocidente.

Então terá passado êste período de exaltação, que tudo tem permitido, e será preciso encarar a sério a situação criada.

Três pontos de vista haverá especialmente a considerar — territorial, financeiro e económico.

A solução territorial deve supôr-se que sairá da conferência da paz, e nenhuma apreensão deve causar-nos. As declarações dos aliados são categóricas, e a Alemanha demonstra ter já perdido a esperança de ditar a lei ao mundo. Restituir-se-lhe hão todas ou parte das suas colónias? Será um caso a regular em harmonia com a exigência de que os aliados não podem prescindir de que voltem à situação primitiva todas as regiões actualmente ocupadas pelos impérios centrais, excepção possível para o cáos russo, e que sejam restituídos à sua pátria a Alsácia e a Lorena.

Declarações feitas no centro trabalhista inglês sobressaltaram a opinião portuguesa.

Mas êsse centro é composto de elementos dissolventes da própria Inglaterra, — dos pacifistas em que o sentimento de pátria está tão obliterado que quási não existe. O seu valor pode ser facilmente aquilatado pela maneira como a nação inglesa se está batendo exactamente por ideias diametralmente opostas.

Nenhuma dúvida tenho de que nada significam esses estranhos propósitos, absolutamente seguro da consideração em que a nobre nação Britânica há de ter a lealdade e dedicação de todo o povo português.

Demais é fácil de compreender que é inadmissível supôr que a Inglaterra colabore na instalação do império sul africano.

¿ O que será a nossa situação financeira? Pelo menos gravíssima. Se já hoje, e infelizmente sem se ter conseguido a preparação correspondente, a dívida pública deve estar aumentada em cêrca de 200:000 contos: a quanto montará quando terminar a guerra? Mas basta considerar aquela cifra para se reconhecer já que deverão ser pezadíssimos os encargos a suportar. Sendo actualmente a receita pública de cêrca de 70:000 contos, um aumento de mais de 10:000 contos de impóstos, cêrca de 20% dos actuais, deverá criar uma situação insuportável, com o perigo de prejudicar tanto o funcionamento da máquina da produção, que esta diminua em vez de aumentar, como se torna tão preciso.

Sómente uma rasgada e feliz solução do problema económico nos poderá salvar.

¿ Encontram-se em Portugal os indispensáveis elementos para se chegar a um resultado satisfatório? Objectivamente creio bem que sim: subjectivamente confiemos, em que a Providência nos ilumine, e tenhamos o tino preciso para tirar todo o proveito possível das condições em que nos encontramos.

Tem Portugal a vantagem de ser uma nação das mais homogêneas. O clima, embora não seja geralmente e debaixo de todos os pontos de vista isento de reparos, permite vantajosas e múltiplas produções, e é bastante temperado para poderem ser consideravelmente reduzidas as despesas domésticas.

Possuimos culturas quasi exclusivas como a oliveira e sobreira. Por toda a parte a vinha vegeta exuberantemente

produzindo os mais diversos e afamados vinhos. Temos uma extensa costa com magníficos pórtos, entre êles um dos melhores do mundo, abundância de magnífico peixe, e um sub-sólo riquíssimo em magníficos minérios.

Dá-nos ainda considerável vantagem para as transacções a circunstância do país se estender numa estreita facha ao longo do mar.

A população, com notáveis disposições marítimas e colonizadoras, manifesta distintas qualidades de actividade e iniciativa desde que se afasta da metrópole.

De fácil adaptação para todos os serviços, dando ainda agora nos campos da batalha provas de brilhantes qualidades, o seu triunfo é certo desde que adquira a necessária robustez física e moral, uma excelente educação, sobretudo profissional, as qualidades de ordem, disciplina e trabalho, e também estéticas e de aceio indispensáveis a uma sociedade progressiva.

As medidas a adoptar para rapidamente se conseguir aumentar o valor do país podem classificar-se em harmonia com dois principais objectivos — moral e económico.

É, sem dúvida, a elevação do nível moral o mais poderoso meio de se conseguir a felicidade e desenvolvimento de um povo. Á sua rígida educação religiosa deve em grande parte a Inglaterra a fôrça que mais tem contribuido para o seu engrandecimento.

É o primeiro cuidado que deve preocupar-nos. Conseguido êsse resultado teremos assegurada a ordem e respeito mútuo, indispensáveis para se obter a prosperidade de um povo pela vontade conforme de todos os seus elementos, — zelosos dos seus direitos e cumpridores dos seus deveres.

O valor económico é função de vários elementos, principalmente da capacidade de trabalho, da capacidade scientifica, da administração geral, da fôrça livre utilisável, das matérias primas disponíveis.

A fôrça livre utilisável depende do seu quantitativo, e também da maneira, como é aproveitada, já pela redução da perda nos atritos, já pela capacidade que superintende.

Em harmonia com êstes princípios gerais, eis algumas medidas que se impõem como mais importantes :

Promover a produção de todos os elementos indispensáveis, de modo que num momento excepcional o país deles possa dispôr com segurança.

Intensificação do trabalho, substituindo-se a tendência para a redução do serviço pela justa remuneração do trabalho executado.

Aproveitamento inteligente do trabalho por meio de uma educação bem orientada, que habilite em harmonia com as disposições naturais e não induza a despesas supérfluas.

Meticuloso aproveitamento do tempo em trabalhos úteis por todos os elementos sociais, qualquer que seja a sua condição.

Economia máxima nas despesas destruidoras de riqueza, como são as da alimentação e vestuário.

Cuidadosa higiene, com vida orientada por fôrma que cada pessoa possa dispôr da máxima fôrça para produzir o mais possível.

Sólida e prática instrução, despida da preocupação de fazer sábios desde a instrução primária, para afinal só se criarem miopes e raquíticos de corpo e espírito.

Desenvolvimento do espírito de iniciativa e artístico.

Aproveitamento racional do trabalho feminino, condignamente remunerado, e por fôrma que de modo algum seja prejudicada a missão principal da mulher — ser boa mãe.

Desenvolvida rêde de estradas, sempre no melhor estado de conservação, de caminhos de ferro, e intenso serviço de camionagem. (É seguro que o triunfo de um país depende essencialmente da barateza e facilidades de transportes).

Marinha mercante suficiente pelo menos para nos tornar independentes da influência dos interesses estrangeiros. (Serão

da grande utilidade os navios de pequena tonelagem preparados para aproveitar principalmente a vela e acidentalmente o motor).

Intensificar o aproveitamento dos produtos culturais, entre os quais os florestais e arbustivos devem ter lugar especial; e das nossas riquezas metalúrgicas, notáveis em alguns metais que tem subido valor, como o radium e wolfram.

Como exemplo do que pode esperar-se dos produtos florestais lembrarei que, só para aduela, tem sido o nosso país tributário anualmente de cêrca de 1:000 contos de madeira de carvalho.

Aproveitamento das fôrças hidro-eléctricas. É um recurso que só por si poderá chegar para salvar o país da grave situação criada pela guerra.

É certo que não dispomos de uma riqueza proporcional à da França, avaliada em 18 milhões de cavalos, ou mesmo da Espanha, calculada em 6 milhões, nem com condições tão vantajosas como as quedas de Noruega. Comtudo, 600:000 cavalos com que pode contar-se, representam um importante valor, de rendimento anual superior a 12:000 contos, com a circunstância de deverem contribuir para um aumento de produção agrícola e industrial de muitas dezenas e até centenas de milhares de contos.

Desenvolvimnto da rêde ferro-viária das colónias, elemento capital para a sua valorisação; e da sua colonisação, feita por fôrma que desapareçam as revoltas indígenas, de que os naturais, infelizmente, bastantes vezes, nenhuma responsabilidade teem.

Desenvolvimento do comércio internacional com base no máximo respeito pelos contratos, e no aproveitamento dos processos mais modernos, por fôrma a conseguirmos uma situação semelhante à que, com sinais de maior prosperidade, ocupam países da mesma ordem que Portugal, e mesmo outros mais pequenos.

Para se observar quanto é modesta a situação em que nos encontramos, limitar-me hei à citação de alguns elementos elucidativos.

Há muitos anos que o nosso comércio geral se conserva estacionário em volta de 120:000 contos, e ainda em 1913, excluindo o ouro e a prata, foi a exportação de 25:287 contos e a importação de 88:975, com um total de 124:252 contos. No entanto, tomando o câmbio ao par, em 1910 o comércio total da Holanda foi de 1.952:000 contos, e da Bélgica 1.086:000 contos!

Há especialmente a tratar do comércio com o Brazil e Espanha, o qual está longe do valor que deve atingir. E contudo o grande desenvolvimento que ambos aqueles países tem adquirido, além das especiais relações em que nos encontramos, estão indicando a necessidade de conseguirmos o maior incremento para as nossas relações comerciais.

Com a Espanha torna-se de toda a conveniência estabelecer acôrds uteis para ambas as nações e que facilitem as relações internacionais. Nesse sentido estão indicadas linhas de rápido percurso como Lisboa-Bordeus, Lisboa-Porto, Madrid, Barcelona e Vigo, Porto, Cadiz.

Muito teria de acrescentar; não mo permite a consideração que V. Ex.<sup>as</sup> me merecem, e demasiado tenho abusado da bondade com que se têm dignado ouvir-me.

Mas atendendo ao que é de interessante verificar o conjunto de medidas que um problema especial sugere, exporei ainda as que no Congresso de Agricultura, realizado em Madrid em 1911, propuz para a solução do importante problema social pôsto na seguinte tése — *Meios mais apropriados para atrair os proprietários ao campos, e evitar que estes sejam abandonados pelos operários agrícolas* —. Encarei a solução do problema debaixo de dois pontos de vista, — económico-agricola e social.

Considerando o primeiro deveria ter-se em vista obter o maior rendimento para os produtos agrícolas:

1.º Reduzindo as despesas da produção :

- a) Pela educação agrícola ;
- b) Pela cooperação agrícola, especialmente para o trabalho e crédito, regulado êste exclusivamente com o fim de facilitar a aquisição de sementes, animais, adubos, águas de irrigação e máquinas.
- c) Pela facilidade das comunicações com boas estradas e bons motores para a tracção.
- d) Pelo fornecimento de energia barata.
- e) Pela livre importação de adubos e máquinas, e máxima redução dos fretes ferro-viários, devendo as sociedades agrícolas estabelecer uma comissão permanente encarregada de tratar dêste assunto junto dos govêrnos e das companhias, e também dos transportes de produtos agrícolas.

2.º Aumentando o rendimento da produção agrícola :

- a) Conseguindo a máxima produção.
- b) Pela cooperação na venda.
- c) Pela rigorosa fiscalização, na qual deverão ter interferência oficial as sociedades agrícolas devidamente organizadas.
- d) Pela redução do preço dos transportes dos produtos agrícolas.
- e) Pelo livre trânsito e venda de produtos agrícolas.
- f) Pelo desenvolvimento dos outros ramos de produção e liberdade de culturas.

A resolução do problema debaixo do ponto de vista social compreende os processos a seguir em relação às duas entidades — trabalhadores e proprietários (pequenos e grandes).

Para os primeiros :

- a) Justificação, para poder-se habitar nos grandes centros,

\*

de recursos ou trabalho que assegurem os indispensáveis meios para viver, tendo o Estado obrigação de os fornecer em colônias agrícolas àqueles que os não possuam.

b) Tornar verdadeiramente regional o recrutamento, limitando-se a pequenos períodos o tempo da incorporação.

c) Criar e desenvolver nas classes rurais novas fontes de riqueza com indústrias caseiras, já derivadas dos produtos agrícolas destinados à alimentação, já de outra ordem, como rendas, bordados, obras de talha, couro, verga, tecidos, etc., facilitando o trabalho com a distribuição ao domicílio de energia barata.

d) Promover e proteger a criação de associações de socorros mútuos que vão até ao ponto de assegurar a subsistência aos inválidos.

e) Distingui-los com honras e prémios.

f) Desenvolver a instalação de colônias agrícolas, que deverão substituir o regimen penitenciário.

g) Melhorar as comunicações.

h) Difundir profusamente o ensino agrícola e artístico, bem como o de indústrias caseiras, promovendo nas mais insignificantes povoações, conferências, festas e diversões de interesse social nas quais seja aprimorada a educação moral e artística.

i) Desenvolver a agricultura artística.

Para os proprietários:

a) Tornar intensa a vida local pela máxima descentralização da administração pública.

b) Distingui-los com honras e prémios.

c) Instituir o ensino geral da agricultura nas Universidades com a maior consideração e extensão.

d) Intangibilidade dos pequenos casais.

e) Liberdade de testar em favor dos filhos.

f) Redução a termos estatísticos da contribuição de registo que seria paga por sêlo.

g) Criação da inscrição predial com detalhada descrição da propriedade e respectiva planta, direitos, encargos e provável rendimento líquido; com registo obrigatório para todos os actos nela exarados e as seguintes vantagens:

1) De ser transmissível por simples endôso perante testemunhas.

2) De serem indiscutíveis os direitos nela exarados, tendo precedido um período de reclamações.

3) De gozarem os direitos atribuídos aos títulos da dívida pública para uma percentagem do valor que lhe seja atribuído em harmonia com o rendimento líquido.

É tempo de terminar.

Portugal é, felizmente, o país mais velho da Europa, e aquele em que a unidade nacional, sem a menor espécie de coacção, é mais perfeita. — Quaesquer que tenham sido as origens dos elementos que aqui se desinvolveram, a sua fusão foi completa num todo homogénio e harmónico.

Tem existido para todo o país o mesmo ideal, proseguido com tenacidade e heroísmo, da descoberta do mundo, e da expansão colonial, com a característica sempre notável de uma estreita e leal aliança com o povo anglo-saxónico, mesmo antes da constituição do Estado Britânico. Felizmente, nem diversidade de crenças existe entre os nossos elementos.

¿De que precisamos? De que todos os portugueses, que tanto se orgulham do que Portugal tem sido no seguimento de muitos séculos, ponham de parte indesculpaveis caprichos, descabidas pretensões, e esmagando a torpe vívora da *invidia*, se lembrem que todos serão fortes, quando forte fôr Portugal, e com todos os seus esforços, com toda a sua abnegação, tenham sómente a orientá-los êste desejo.

Todo o indivíduo tem obrigação de zelar pelo seu brio, toda a familia tem obrigação de defender a sua dignidade, todo o país tem obrigação de pugnar pela sua grandeza mo-

ral e material e por conseguir a consideração e estima mundial, arredando com tenacidade e ao mesmo tempo com energia e tacto, todas e quaesquer fôrças que tendam a dissolver o seu organismo, a prejudicar a sua acção.

Faço os mais ardentes votos para que adquiram o maior valor os variados elementos que constituem a nossa querida Pátria.

Saúdo com entusiasmo e admiração os nossos aliados, e especialmente os povos inglês e francês, — saúdo entusiasticamente, com o coração transbordando de affecto, os nossos valentes soldados que, com sacrificio da sua vida, com um fundo sofrimento que se repete a todos os instantes, estão prestando neste momento à sua pátria o mais assinalado serviço.

Estou certo de poder afirmar que todos aqui os acompanham constantemente com os mais fervorosos votos pelo seu triumpho, com o maior carinho pelas famílias que deixaram, muitas já enlutadas, com o maior desejo de prodigalizar lhes honras e de demonstrar-lhes sempre quanto os apreciamos e lhes queremos.

Viva o exército português!

